



**A TÉTRICA PROCISSAO  
DOS FAMINTOS NORDESTINOS**

*(Leia na pag. central)*

**Um Artigo de Mauricio GRABOIS**

*(Na 5a. pag.)*

## Derrotar o Acôrdo Pela Ação das Massas!

**T**odos os brasileiros, homens e mulheres, que amam sua pátria, estão sendo chamados a apoiar e participar da Convenção Nacional convocada pela Comissão Nacional Contra o Acôrdo Militar e que terá lugar no Distrito Federal nos dias 5, 6 e 7 de março vindouro.

As circunstâncias do momento presente reclamam de todos os patriotas o mais infatigável e eficiente trabalho no sentido de assegurar à Convenção o mais completo êxito e a mais profunda repercussão. Esta iniciativa patriótica corresponde à necessidade de enfrentar a altura o grave perigo que ameaça diretamente e de imediato toda a nação. É o perigo à vista da ratificação do acôrdo militar pela Câmara na atual sessão extraordinária sob a pressão dos americanos, do governo Vargas e da desprezível minoria dos vendepátria. Somente uma firme e vigorosa demonstração de nosso povo poderá impedir a colonização do Brasil e o envio de nossos soldados para a Coréia.

É claro, portanto, que o êxito da Convenção depende decisivamente da mobilização popular que se faça em cada Estado, em cada município, em cada cidade, e cada rua, em cada escola, fábrica e fazenda. A Convenção não significa, pois, apenas a eleição dos delegados para virem ao Rio de Janeiro. Acima de tudo, ela deve assinalar um avanço e ampliação, um ponto mais elevado a atingir na luta contra esse acôrdo que visa transformar nossa pátria em colônia americana e nossa juventude em carne de guerra. A eleição dos delegados precisa ser, agora mais do que nunca, o coroamento da ação das massas.

As demonstrações populares, em todos os pontos do país, atingindo as mais diferentes camadas da população, adotando as mais diferentes formas de mobilização e esclarecimento, têm uma importância fundamental neste momento, quando o acôrdo já está na ordem do dia na Câmara. Está à vista de todos que os americanos exigem soldados nossos para a Coréia, pois Eisenhower quer é a ampliação da guerra e não a cessação do fogo, e que Getúlio Vargas procura cumprir estas ordens dos senhores lanques da guerra. E só não o fará se o povo, lutando e unindo suas forças, souber impedi-lo.

Inúmeros exemplos de ação combativa contra o acôrdo militar, em todo o país, demonstram a vontade de luta de milhões de brasileiros. O fato de o acôrdo ainda não ter sido ratificado apesar da descarada exigência americana prova que nosso povo tem forças para derrotá-lo. Esta luta só cessará com a vitória do povo sobre o acôrdo militar. Isto depende das ações de massas contra o acôrdo nas fábricas, nos sindicatos, nas escolas, nas praças públicas. Isto depende da luta dos jovens em defesa de sua vida e liberdade, da movimentação das mães, e todas as mulheres, em defesa de seus entes queridos, da integridade e da honra dos seus lares. Isto depende da amplitude e da intensidade do trabalho patriótico que leve às amplas massas a consciência plena do perigo que ameaça a nação e a compreensão da necessidade imediata e inadiável de forjar a muralha da unidade de todos os brasileiros contra o acôrdo de guerra e colonização da pátria.

A Convenção não se limitará a fazer um balanço do que já foi obtido, das vitórias alcançadas até o momento. Não é hora de dormir sobre os louros quando tão grave perigo ronda nossa pátria e nossas vidas. São necessárias novas e maiores lutas, novas e maiores vitórias. A Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar pode e deve marcar um grande avanço na batalha que o povo brasileiro trava para derrotar o acôrdo infame.

# VOZ DOS LEITORES

## Algoz em Vez de Mestra

“ **A**QUI em São João da Boa Vista existe apenas um ginásio, ao qual acorrem todos os que desejam possuir o curso secundário. Acontece, porém, que os alunos filhos de pais pobres ou de cor são tratados com verdadeiro desprezo pela professora de Matemática, sra. Adelia Adib.

Essa professora, aliás, tem uma história que não é das mais recomendáveis. Anteriormente, ela lecionava no ginásio da cidade de Pinhal. Lá como aqui, perseguia os alunos pobres, dava-lhes notas baixas e, no fim do ano, os reprovava. Tal foi a indignação que seus métodos provocaram entre os pais dos alunos que estes fizeram o enterro simbólico da professora, chegando mesmo a ameaçá-la com medidas mais energéticas. Daí o ter ela saído de Pinhal, vindo residir aqui. Sua transferência para cá foi remoção do professor daqui conseguida através do prefeito deste município, sr. João Varzim, que também é presidente do PSD local. Para isto, foi feita a permuta da cadeira de Matemática do ginásio do Pinhal para o desta cidade; a remoção do professor daqui de S. João da Boa Vista teria custado à Adelia Adib 40 mil cruzeiros, a título de compensação. Mas, as consequências não param aí uma vez que com essa transferência foram preteridos vários professores idôneos que ficaram marcando passo.

Agora, como retribuição aos seus amigos do PSD e do UDN, aos quais deve sua transferência, a professora Adelia persegue ferozmente os filhos dos seus adversários políticos.

O sr. Carlos Coelho, atual residente, em vista das perseguições movidas contra seu filho pela sra. Adib, mandou-o para o Ateneu Paulista, em Campinas, onde o rapaz vem sendo aprovado com distinção. Em situação semelhante se encontram os pais de duzentos outros jovens que

estão cursando os ginásios de outras localidades para fugir às injustiças da sra. Adib. Diariamente, uma turma de vinte rapazes viaja de S. João para Agual, a fim de fugirem às injustiças de d. Adelia.

Em S. João há um clamor geral e protestos de indignação contra as reprovações em massa. Consta, mesmo, que alunos e pais destes pretendem fazer o enterro simbólico da perseguidora, a exemplo do que sucedeu em Pinhal.

Grato pela publicação da presente, subscrevo-me.

Joaquim Dias (S. João da Boa Vista — S. Paulo).

## Libertado o Patriota

O **PARTIDÁRIO DA PAZ**, Antônio Pedroso Pinto Filho, graças ao movimento de solidariedade levantado pelo povo de Araraquara foi posto em liberdade no dia 17 último, após seis meses de prisão ilegal e arbitrária. Pedroso Pinto, a despeito das perseguições que lhe move o governo de Vargas e Garcez e da própria atitude façanhuda do juiz Pires de Camargo volta novamente ao convívio de seus amigos e camaradas, que justamente se orgulham de tê-lo em seu meio.

(As. Ester Oliveira, Araraquara, São Paulo).

## Bairro de Pobre não Tem Importância

O **POVO** cearense não esqueceu as promessas eleitorais dos candidatos burgueses às últimas eleições. O povo do bairro onde moro, Arraial Moura Brasil, guarda em sua memória as promessas dos deputados e vereadores, como aquelas em que diziam tomar providências imediatas para o calçamento, a construção do chafariz e de outros melhoramentos para o nosso Arraial. Esses demagogos, no entanto, tão logo se viram aboletados no poder esqueceram clinicamente as promessas e trataram de ganhar dinheiro e posições. Nem mesmo as obras iniciadas pelas gestões anteriores como o calçamento das ruas Santa Terezinha e Braga Torres foram concluídas pelo atual prefeito. Enquanto isso acontece, os bairros grã-finos, de Fortaleza têm suas praças ajardinadas e arborizadas, com suas ruas quase totalmente calçadas. Para o Arraial Moura Brasil, por ser um bairro pobre, o prefeito não dá a menor importância. O prefeito Paulo Cabral que tanto prometeu aos pobres, ao contrário, vem se revelando um perseguidor e um inimigo deles. Basta dizer que ao invés de combater os grandes tubarões do comércio perseguiu impiedosamente os modestos vendedores de bolos, que fazem desse comércio um meio de ganhar a vida.

Os próprios vereadores que tantas promessas fizeram ao povo do bairro não mais se lembram de suas demagogias. Recentemente organizamos um grande movimento pela construção de um quebra-mar para

o nosso Arraial. Fomos incorporados, ao governador exigiu o cumprimento de sua promessa que consistia daquele melhoramento. Através da Associação Cruzeiro do Sul tudo fizemos para que saísse o quebra-mar, uma defesa necessária para centenas de casas que estão sendo destruídas pela maré. Nada conseguimos. A Câmara de Vereadores por seu lado não nos deu a mínima atenção e as nossas casas estão se perdendo. Devemos dizer

entretanto que o povo de Arraial Moura Brasil está se apercebendo de todos esses fatos e certamente irá ajustar contas com esses traidores. Agora que novamente essas senhores tornam a recolher títulos eleitorais para suas próximas aventuras, o povo do meu bairro está alerta. Já cansou de dar crédito às conversas dos lobos burgueses que fazem das eleições uma escada para atingir posições e obter vantagens.

## OPERÁRIO NÃO LUTA CONTRA OPERÁRIO

O engenheiro Chafic Jacob, homem da confiança de Garcez e um dos chefes da 3ª Divisão da Estrada de Ferro Sorocabana, vem tentando por todos os meios dividir os ferroviários da Estrada, usando do suborno e de promessas, para que haja em nosso meio traidores e delatores. Não faz muitos dias um dos chefes da turma da noite, do depósito de locomotivas de Botucatu, foi chamado pela chefia, a fim de ser interrogado sobre o seu serviço de fiscalização. Como o ferroviário dissesse não ter conhecimento de nenhuma irregularidade o inspetor da tração lhe afirmou que era necessário ter no mínimo 10 «comunicações», isto é 10 denúncias referentes ao trabalho de seus companheiros, o que lhe daria no fim do mês um prêmio de 100 horas de salário. O encarregado da turma no entanto não aceitou a proposta infame sendo por isso transferido para o trabalho diurno.

A um outro ferroviário, um maquinista, chamado pelo próprio Chafic Jacob, foi proposta essa tarefa infame, de denunciar seus companheiros de trabalho. Esse maquinista por ser um homem de caráter se recusou a prestar serviço de policial dentro do serviço ou fora dele.

Os fatos apontados acima indicam claramente a personalidade policial desse

Chafic Jacob, um aventureiro e negociante, que já tirou e continua a tirar muito dinheiro da estrada a custa de suas negociações. Os ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana conhecem de sobra esse Chafic Jacob e de maneira nenhuma se prestam ao papel infame de delatores de seus companheiros. «Operário não luta contra operário».

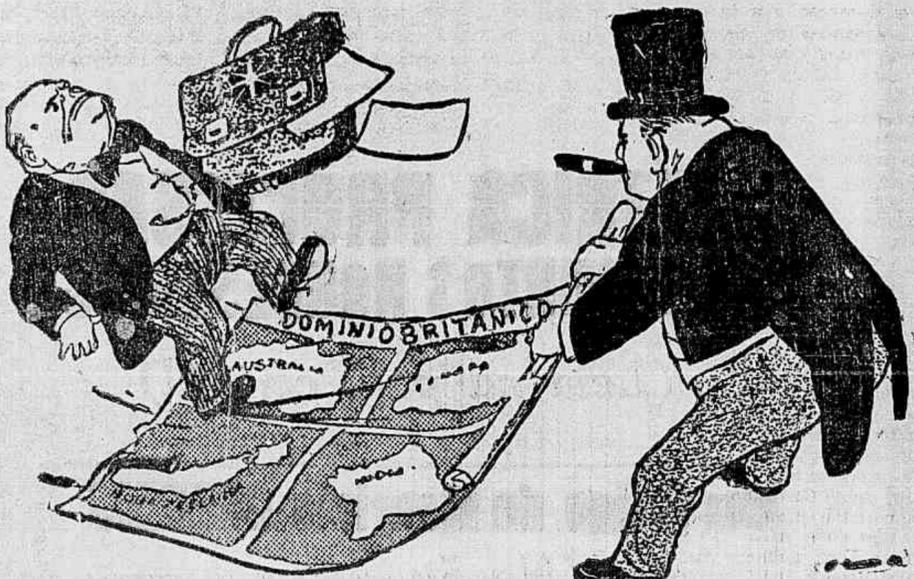
(Botucatu, janeiro de 1953, Carlos Figueiredo).

## VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável  
**JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA**  
MATRIZ: Av. Rio Branco, 287 - 17º andar - Sala 1712  
SUCURSAIS  
SAO PAULO — Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;  
P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - S. 48  
RECIFE — Rua da Palma, 285 - Sala 205 - Ed. Sacl;  
SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;  
FORTALEZA — Rua Barão de Rio Branco, 1248 - S. 22  
ASSINATURAS  
Anual . . . . . Cr\$ 60,00  
Semestral . . . . . Cr\$ 30,00  
Trimestral . . . . . Cr\$ 15,00  
N.º Aviso . . . . . Cr\$ 1,00  
N.º atrasado . . . . . Cr\$ 1,00  
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

## NOSSA CAPA

**E**STA face marcada pela tragédia da seca é a do camponês cearense Luiz Teixeira Lopes, de 49 anos, pai de seis filhos pequenos «de cobrir com um balão». Eis em breves traços sua triste história: há alguns meses deixou a terra onde trabalhava em Paraíba (ex-Passagem do Tigre), no interior do Ceará, rumando para a Capital. A terra é de um parente que a seca e os impostos arruinaram. Em Fortaleza, como tantos outros camponeses, quando procurou auxílio oficial foi jogado como peteca de uma repartição para a outra, do Palácio do Governo para a Legião Brasileira de Assistência, onde, afinal, resolveram lhe dizer tudo: nada tinham para dar a ele, à mulher ou aos filhinhos. Que fosse procurar trabalho, por aí... Em cinco meses esse homem trabalhou apenas nove dias, ganhando ao todo noventa cruzeiros... A fome em sua família é um estado permanente. Ele ama o trabalho e não desesperou de todo da vida. Por isso decidiu continuar vivendo e resistindo. Sente, por instinto, que cada dia que passa é mais um dia de preocupação para os que se beneficiam com sua trágica miséria ou com os que nada fazem em favor do povo. Fede esmolas. Mora debaixo de 20 palhas de coqueiro, colocadas sobre quatro forquilhas de cajueiro, na capital cearense. O seu drama é o mesmo de milhões de camponeses nordestinos, temendo libelo contra um regime que a História de há muito condenou. (Foto de Nelson).



De salientes propósitos dos Estados Unidos para com a Inglaterra...

# A SINISTRA INDÚSTRIA DOS ACIDENTES DO TRABALHO

## Haverá dinheiro que pague, nem que seja apenas um dedo do operário?

Reportagem de STENIO CARVALHO

**DEZESSETE** anos menos quatro dedos! Com esses quatro dedos — como é que eles eram? — foram decepados o futuro, os sonhos de José Gomes, operário da Cordoaria Brasileira, em São Cristóvão.

Em que estaria pensando o Juquinha naquela hora, que não reparou para o cabo estendido no chão? Talvez estivesse recordando o caso dum amigo que prestara exame de admissão no Instituto Rabelo que, órfão e sem dinheiro, recebeu a seguinte resposta quando pretendeu matricular-se: «Você é pobre, para que estudar. Vá trabalhar!»

Juquinha caiu sobre a máquina e não pôde evitar que sua mão fosse tragada pelos cilindros em movimento. O alarme foi geral quando um operário exclamou indignado: «E' demais. Não é a primeira vez que isso aconteceu!»

### NO MUNDO DOS ACIDENTADOS

No vazio daqueles quatro dedos, que se foram para sempre, encaixou-se a ponta dum mundo novo, desconhecido e terrível. Um mundo que agora envolve toda a sua vida. O mundo dos acidentados, dos mutilados no trabalho, dos trabalhadores aos quais a burguesia tira até um pedaço do corpo para transformar em lucro.

José Gomes acabou batendo às portas do Cartório de Acidentes. Filas enormes de trabalhadores comparecem diariamente a fim de recorrer das decisões injustas. É um quadro terrível. Aqui, um operário com os dedos esmagados, ali outro sem braço, mais além um sem a perna. Todos, todos os que se encontram naquele cartório para reclamar seus direitos foram inutilizados pelo trabalho. A riqueza do patrão não foi feita só com o suor das vítimas operárias mas também com sangue dos trabalhadores. A luta é dura e cruel e leva anos. Muitas vezes o operário morre antes de conseguir a indenização. Na maioria dos casos gasta sapato e passagens e não recebe um centavo sequer, ficando completamente desamparado. Naquele cartório todos clamam contra a completa falta de assistência social, todos maldizem a exploração patronal e o desprezo que vota à vida humana esse regime de capitalistas e latifundiários, regime em que as máquinas ou os cavalos são mais importantes que o homem.

### SOCORRO DE URGÊNCIA... EM FAVOR DO PATRÃO

Dentre os trabalhadores que procuram fugir ao horror da invalidez total, naquela fila trágica, havia um que estava quase cego. Entrara há pouco tempo numa empresa metalúrgica quando um cisco metálico lhe atingira o olho. Faltavam-lhe os óculos protetores. No Pronto-Socorro foi-lhe extraído o corpo estranho mas, dias depois começou a sofrer dores atrozes tendo recorrido à Cia. de Seguros. Não fizeram um exame completo, para prevenir as consequências do acidente. Entretanto, que lhe aconteceu? Aquela medição de urgência fora um motivo para que a empresa seguradora não quisesse assumir compromissos de tratamento e de indenização. A verdade é que o tratamento de urgência não liquidou a causa profunda do mal que acometera o operário que dias depois teve o seu estado de saúde agravado. Hoje se encontra quase cego, sem ganhar um centavo porque nem ao IAPI pode recorrer em virtude de não contar ainda com a «carência» necessária, isto é, ter pago 12 mensalidades. A Cia. de Seguros e o Instituto se completam na exploração ao trabalhador.

### NÃO HÁ DINHEIRO QUE PAGUE...

As Cias. de Seguros dispõem de tabelas com cálculos complicados, para pagarem as indenizações, de acordo com um decreto de Getúlio. Assim, segundo os interesses dos patrões, os preços são estabelecidos para uma falange, um dedo, braço, mão, etc. Mas, haverá dinheiro que pague um pedaço de corpo do trabalhador? Ainda assim, nem mesmo a insignificância que elas estabelecem é resgatada. Um operário da Light que descarregava trilhos teve os dedos decepados e por isso deveria ser indenizado em 20 e tantos mil cruzeiros. A Cia. de Seguros chamou-o e o colocou no dilema: recebe a indenização e ser demitido da Light ou fazer um «acordo» e continuar trabalhando num serviço em que utilizasse apenas a mão perfeita. O trabalhador teve de aceitar o «acordo» recebendo apenas 8 mil cruzeiros. Isso evidencia a ligação entre o truste estrangeiro e a Cia. de Seguros.

Por outro lado, vê-se que nada existe para proteger os trabalhadores em cada empresa contra acidentes. Basta que rebente um fio de algodão no tear para que o operário seja punido. Mas, que garantia existe para os olhos, os pulmões, os braços dos trabalhadores? O que vigora são métodos desumanos de trabalho, máquinas e fios elétricos descobertos, o que aumenta de ano para ano o número de acidentados. Somente entre os marceneiros, houve em 1952, no Rio, mais de 2 mil acidentados.

### MÉDICOS-MONSTROS

Mas, a fila do Cartório de Acidentes continua com novas acusações no seu libelo tremendo.

Em agosto de 1952, um grupo de trabalhadores da Light consertava as instalações elétricas da empresa, na Av. Mem de Sá, «protegidos» por um pequeno cercado. Era noite e estando o tráfego da cidade todo anarquizado, acrescenta-se que também a luz racionada pela Light que iluminava o letreiro de «transito impedido» era deficiente. Um carro veio em regular velocidade e atropelou os operários. Um deles ficou em estado gravíssimo, internado durante 3 meses no hospital dos «seguros», quando ainda mal curado recebeu alta. Protestou, pois, não havia recobrado totalmente a voz e se sentia doente. Mas, o médico que ali está para servir os interesses da Light e da Cia. de Seguros não transigiu. Bateu o pé dizendo que ele estava curado, que não queria alta por preguiça. O operário teve de retomar a

serviço para não perder o emprego. Não está aguentando o trabalho e por isso está lutando por uma indenização e tratamento por conta do Seguro.

Assim é o tratamento dos acidentados. É algo para salvar as aparências, para tapar o trabalhador. Com um falso tratamento, a burguesia procura um jeito para se ver livre do acidentado. Não falta outro, forte e são, para botar no lugar dele até que aconteça novo acidente. Operário acidentado é como boi velho nas fazendas de Getúlio: quando não pode mais puxar o carro, vai para o matadouro.

### PERIGO: «DORMIR» NO TRABALHO

Há também jovens, jovens operários, diante do balcão do Cartório de Acidentes.

Este tem 15 anos e ingressou numa joalheria como aprendiz. O patrão obrigava-o a fazer serão. Morando longe e dormindo pouco o trabalho assim, constituía um sacrifício muito grande. Já eram 21 horas quando ele cochilou e caiu em cima da máquina, só acordando quando sentiu que o seu dedo fora decepado.

O caso é comentado: — Criança não deveria trabalhar, ou, pelo menos, dessa maneira. Também assim é demais, é muita falta de cuidado.

— Certo. Mas, todos os operários moram longe, trabalham em excesso e estão, portanto, sujeitos a «dormir» em trabalho. Quantas vezes, os choferes trabalhando 12 ou mais horas diárias ficam no volante dormindo, até que se dá o desastre?

A legislação de Getúlio faz uma enorme relação de profissões e acidentes. Mas não tem uma letra para atacar as causas dos acidentes — proteção das máquinas, redução das horas de trabalho, transportes rápidos e baratos, bons salários. É uma legislação de conversa, de belas palavras para encobrir um terrível realidade que o governo dos patrões não tem o menor interesse em modificar.

### O TRABALHO QUER DIZER PERIGO DE VIDA

E há os acidentes que não estouram de uma hora para outra. São desgraças que se vão formando dia a dia ao longo dos anos.

O operário Lindolfo Rosas, da Fábrica de Tecidos Cruzeiro, hoje sofre dos pulmões em consequência dos anos de trabalho na seção de estamparia, onde lidava com drogas e ácidos, desprovido de máscara. Mas, milhares de trabalhadores são doentes assim. Também nas minas de carvão e de mica ocorrem moléstias terríveis que rebentam a saúde dos mineiros. O suor vai saindo do corpo e a doença vai entrando nos pulmões dos trabalhadores, minuto a minuto. Dos andaimes das grandes construções quase sempre se projeta ao solo um trabalhador. Não há arranha-céu gráfico que não tenha sangue operário em seus alicerces. Nos postes da Light ocorre o mesmo. Quando o operário não morre fica aleijado. Aumenta o exército de mutilados — cegos, pernetas, manetas, etc. Nem todos comparecem ao Cartório de Acidentes.

### ACIDENTES NO TRABALHO, UMA INDÚSTRIA RENDOSA

Por que tanto desprezo pela vida dos trabalhadores? Os «seguros» não foram criados para proteger e indenizar os operários acidentados. As sociedades seguradoras são propriedade dos capitalistas, donos das grandes empresas para os quais os acidentes do trabalho constituem uma indústria rendosa.

A Sociedade Cooperativa dos Seguros dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, por exemplo, é dirigida pelos Rocha Faria, Seabra, Galvez e outros, todos eles magnatas dos tecidos. Os seguros da Construção Civil são controlados pelos grandes construtores Pederneiras e outros.

Pagando diárias máximas de 28 cruzeiros ao acidentado, sem incluir o repouso remunerado, negando-se a assumir responsabilidade por grande número de acidentes esses industriais, muitos deles como Lafer, Cleofas e outros obtêm grandes lucros nas fábricas e ganham fortunas nas Cias. de Seguros.

Eles fazem comércio com a desgraça e a morte dos trabalhadores. Os lucros das sociedades de seguros de acidentes são enormes, bastando dizer que só em 1951 eles ascenderam a 262 milhões de cruzeiros. Não é por acaso que os industriais temendo perder a mamata, estão gastando rios de dinheiro em propaganda nos jornais burgueses para conservar essa exploração. E por seu lado os Institutos visam o monopólio dos acidentes tentando impedir a bancarrota que se aproxima, infligida pelo próprio governo que não contribui, que prefere gastar rios de dinheiro em despesas militares em vez de pagar sua dívida que já ultrapassa os dez bilhões de cruzeiros.

### A LUTA PELA SEGURANÇA NO TRABALHO

Muitos acidentados hoje, sem ganhar nada, recorrem à ajuda dos companheiros nos dias de pagamento, como acontece com inúmeros trabalhadores da Light. A solidariedade é grande na luta pela conquista de uma vida melhor, de um regime diferente deste, um regime novo, em que as máquinas e as empresas pertençam aos trabalhadores, ou sejam fiscalizados por eles.

Mas, é possível conseguir agora melhoria nas condições de trabalho e de higiene nas empresas, seguros justos com taxas pagas pelo governo e pelos patrões, lutando e organizando-se nas empresas em seus Conselhos e nos Sindicatos para exigir proteção adequada para as máquinas e outros instrumentos que ofereçam risco de vida, lutando por salários mais elevados para melhor alimentação, contra o serão, contra a assiduidade de 100%, por condições de trabalho, enfim, dignas de seres humanos.



Este jovem perdeu a vista trabalhando numa mina de mica. No trabalho, nunca recebeu óculos ou qualquer outra proteção para os olhos. É um homem inválido.



Produzindo! Reclamam os patrões, ávidos de ganhar mais e mais lucros às custas da exploração do trabalhador. O resultado frequente é esse: extenuado, sem proteção, ou num momento de distração, uma polia pega o operário e o arrasta para a morte.



Por falta de um cinto de segurança, este operário da Light, Crispim Bahia da Silva, caiu do alto de um poste ao solo, tendo morte imediata. Significa a miséria mais negra para sua família. Quanto à Light, bem... possui bons amigos no governo e fica tudo por isso mesmo.

# 'É incalculável o reconhecimento do povo da Coreia combatente'

Palavras do acadêmico Dmitri Skobeltsin saudando Elisa Branco — A solenidade de entrega do Prêmio Stálin Internacional da Paz à heroína brasileira, no Kremlin

MOSCOU, Janeiro (Correspondência para a VOZ OPERÁRIA) — O Kremlin. Uma luz suave e agradável ilumina as elevadas paredes da sala Sverdlov. São 2 horas da tarde, em Moscou. Na sala encontram-se membros do Comitê para os Prêmios Internacionais Stálin, do Comitê Soviético de Defesa da Paz, dos Comitês Anti-fascistas das Mulheres e da Juventude soviética, representantes de sindicatos, jornalistas, cientistas, escritores e operários. À direita da Presidência encontram-se os delegados brasileiros que participaram do Congresso dos Povos em Defesa da Paz e que se encontram em visita à URSS. Entre eles vêem-se o General Edgard Buxbaum, o sr. Modesto de Souza, Prefeito de Alegrete, Maria de La Costa e outros.

Ocupa um lugar na mesa da presidência a senhora Elisa Branco. (Os presentes aplaudem calorosamente a senhora Elisa Branco). Ocupam os lugares na presidência o Acadêmico Dmitri Skobeltsin, Ilya Ehrenburg, Nicolai Tikhonov, Constantin Simonov, Nina Popova e o escritor brasileiro Jorge Amado. Prêmio Internacional Stálin da Paz.

## ONDE SE DECIDEM OS DESTINOS DA PAZ

Ao fazer entrega do diploma e da medalha de ouro de laureada do Prêmio Internacional Stálin à senhora Elisa Branco, o acadêmico Dmitri Skobeltsin disse: «Seu nome o nome de uma simples mulher brasileira, é amplamente conhecido não somente em todo o Brasil, como em muitos outros países do mundo. É incalculável o reconhecimento do povo da Coreia combatente. As pessoas honradas de todos os países vêm-na como um exemplo e colocam seu nome ao lado dos nomes mais notáveis e que são o orgulho do movimento internacional em defesa da paz. Seu interesse pelo aos soldados brasileiros, seu valoroso comportamento no cárcere, toda sua atividade em defesa dos direitos das mulheres brasileiras, em defesa dos interesses do povo brasileiro, tudo isto é devidamente apreciado por milhões de homens e mulheres do mundo inteiro, que manifestam seu reconhecimento, em sua pessoa, aos defensores da paz no Brasil, que resolutamente têm impedido que os círculos governantes do Brasil enviem soldados brasileiros para lutar contra o povo coreano.

A Coreia é, hoje, a bandeira da luta libertadora dos povos. Ali na martirizada terra da Coreia decidem-se os destinos da paz, os destinos de muitos povos. Depende de nós, os povos do todo mundo, a cessação da guerra na Coreia e impedir que ela se estenda a outros países. Quem luta hoje pela cessação da guerra na Coreia, luta para que o povo da sua pátria não seja vítima da arma bacteriológica que os imperialistas utilizam atualmente contra a população da Coreia e que não vacilarão em empregar contra outros povos».

Dimitri Skobeltsin entrega à senhora Elisa Branco o diploma e a medalha de ouro de laureada do Prêmio Internacional Stálin e lhe deseja novos êxitos em sua nobre e patriótica atividade. (Prolongados aplausos).



O eminente físico nuclear soviético Dmitri Skobeltsin, presidente do Comitê Distribuidor dos Prêmios Stálin da Paz

## OUTROS ORADORES

Em nome do Comitê Soviético de Defesa da Paz, falou Constantin Simonov que dirigiu umas palavras de saudação à laureada.

«Prezada amiga do longínquo Brasil! É uma alegria para nós saudá-la, nobre filha do Brasil, aqui em Moscou, em terra soviética. Nesse dia feliz para a sua pessoa, para os seus amigos, nós, os soviéticos, temos a satisfação de felicitá-la pelo prêmio da paz que traz o nome do porta-bandeira da paz, José Stálin. Como sabemos, Elisa Branco, com sua luta pela paz, contribuiu para a causa que é comum a todo o gênero humano e aproxima todos os povos.

Em nome do Comitê Anti-fascista das Mulheres soviéticas falou Nina Popova, que disse entre outras coisas: «O Prêmio Internacional Stálin outorgado à senhora Elisa Branco é o reconhecimento dos seus méritos, os méritos das mulheres brasileiras, que toda humanidade amante da paz aprecia». Elisa Branco abraça Nina Popova e a beija.

Alexandre Brasnov falou em nome do Comitê anti-fascista da Juventude Soviética. «A juventude soviética conhece bem o feito de Elisa Branco e se orgulha dele. Seu apelo no sentido de impedir o envio de soldados brasileiros para a Coreia, inspira os patriotas do Brasil a lutar em defesa da paz e pela independência nacional. Com seu feito a senhora demonstrou que a juventude do Brasil não deramará seu sangue em benefício dos imperialistas».

Agora Nina Popova prende ao peito da sra. Elisa Branco o distintivo do Comitê Anti-fascista das Mulheres Soviéticas. A assistência aplaude entusiasmadamente a laureada.

## FALA UMA OPERÁRIA SOVIÉTICA

É emocionante a saudação de Dalia Smirnova, operária da Fábrica Têxtil «Três Montanhas», de Moscou. «Uma simples mulher soviética felicita a senhora Elisa Branco por tão alta recompensa e lhe diz: a senhora, como mulher e operária conhece, as dificuldades da vida. Mas apesar de tudo a senhora luta corajosamente pelos interesses de seu país, pela independência nacional de sua pátria. Seus sentimentos de mãe e de patriota indicam-lhe o caminho justo, querida Elisa. Todo o povo brasileiro tem orgulho de você e nós também, as mulheres soviéticas. É com alegria que lhe felicito pelo Prêmio Internacional Stálin. Você é digna desta recompensa. Desejo-lhe saúde, força e novos êxitos no caminho que se traçou de luta pela paz, pela felicidade». Elisa Branco e Dalia Smirnova abraçam-se e beijam-se.

Esse abraço está impregnado da força da amizade verdadeira, das mulheres de todos os países. Ninguém, ninguém em absoluto, conseguirá desfazer essa amizade.

## COMO FALOU O GENERAL BUXBAUM

O Presidente do Conselho Nacional de Luta Contra o Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos, General Buxbaum, calorosamente aplaudido pela assistência, pronunciou um discurso. «O Prêmio Internacional Stálin conferido a uma brasileira que praticou ato relevante em benefício da paz, só nos pode encher de orgulho e servir de estímulo para a prática de atos congêneres.

Aqui venho trazer as minhas felicitações do movimento brasileiro e todos os brasileiros amantes da paz, à nobre filha do Brasil, Elisa Branco, pela alta distinção com que é honrada neste momento. O Prêmio Internacional Stálin honra todos os brasileiros patriotas, que se levantam em defesa da paz. Particularmente no meu caso, como Presidente do Movimento Nacional de Luta Contra o Acórdo Militar imposto pelo governo dos Estados Unidos ao governo brasileiro, posso afirmar da combatividade e do patriotismo do nosso povo. Esse acórdo é prejudicial aos interesses do Brasil e à economia nacional. O povo brasileiro impediu a ratificação pelo Congresso Nacional do citado acórdo no ano de 1952. Vários parlamentares de diversos partidos apoiaram a luta patriótica contra o acórdo. No caso da ratificação desse acórdo escravizador, o Brasil ficaria numa posição de colônia, ante uma nova metrópole, os Estados Unidos. É um presente oferecido pelo lobo ao cordeiro, é um contraste entre o pote de ferro e o pote de barro. É preciso que se deixe bem claro que a verdade está ao lado do cordeiro e lhe dá forças para derrotar os golpes traiçoeiros do lobo. Que não se engane o lobo. O Brasil tem um patrimônio a defender».



Elisa Branco, heroína brasileira na luta pela paz, laureada com o Prêmio Stálin, que recebeu em Moscou.

## ELISA BRANCO AGRADECE

A senhora Elisa Branco, laureada com o Prêmio Internacional Stálin pronunciou um emocionante discurso de resposta. «Sou uma simples mãe de família. Este prêmio representa tão somente o carinho e o reconhecimento do povo soviético à luta das mulheres do mundo, especialmente das mulheres da América Latina em defesa da paz, em defesa dos seus lares, dos seus maridos, irmãos e filhos. Nós as mulheres odiamos a guerra, a violência e a desgraça. Como mães queremos criar nossos filhos, educá-los e vê-los viver felizes. Ao defendermos a paz defendemos nossos lares, defendemos o trabalho de nossos maridos, defendemos o sorriso dos nossos filhos, defendemos a dignidade dos nossos filhos, defendemos as crianças do mundo inteiro, defendemos os nossos direitos sagrados a uma vida feliz defendemos o direito de ter os nossos entes queridos juntos ao nosso coração.

Neste momento eu saúdo todas as mulheres da América Latina, ardentes lutadoras pela paz e em especial a todas as mulheres do Brasil. Ao saudá-las quero dirigir-me, em seu nome, aos povos do mundo inteiro, para dizer, como brasileira e mãe de família, como patriota e por isso mesmo partidária da paz, que está em nossas mãos a decisão de não permitir que nossos filhos sigam para a morte na Coreia ou em qualquer outra parte do mundo para onde querem nos arrastar os agressores norte-americanos. Depende de nosso trabalho a resistência às imposições imperialistas.

Nosso povo não lutará contra o povo coreano. Não permitiremos que nossos soldados sejam colocados sob o comando dos agressores norte-americanos. Nós venceremos. Os soldados, nossos filhos, não seguirão para a Coreia nem lutarão contra outros povos que os imperialistas queiram dominar. Nós, os brasileiros, conduzimos em nossos corações as geniais palavras do grande patriota, o «Cavaleiro da Esperança», pronunciadas no Parlamento Nacional em meados de 1946, quando afirmou que o povo brasileiro já mais pegará em armas contra o povo soviético (palmas prolongadas). Essas palavras de Luiz Carlos Prestes são as nossas palavras e aqui as quero repetir em nome das mulheres brasileiras».

A senhora Elisa Branco termina seu discurso pronunciando palavras de amor e de agradecimento ao grande porta-bandeira da paz, Stálin, e diz: «Quero expressar o meu amor filial pelo chefe genial do povo soviético, pelo fundador da União Soviética ao lado de Lenin, pelo grande lutador da paz, Defensor da Paz e do Progresso, da liberdade, da alegria das crianças, defensor dos direitos das mães do mundo inteiro, salvando a vida de nossos filhos, o Camarada Stálin. Quero agradecer tudo quanto ele nos tem ensinado, tudo quanto nos tem dado».

Concluindo, a senhora Elisa Branco exclamou: «Viva o povo brasileiro na luta pela paz! Viva o grande movimento mundial dos partidários da paz! Viva a grande amizade dos povos unidos na luta em defesa da paz! Viva a União Soviética baluarte invencível da paz! Viva José Stálin, educador dos povos no amor à paz!»

Ressoam na sala prolongados aplausos. A assistência sauda calorosamente a senhora Elisa Branco. Os aplausos expressam o reconhecimento do povo soviético à senhora Elisa Branco, patriota brasileira, lutadora ativa da causa da paz e da amizade entre os povos.

## CRÔNICA INTERNACIONAL

O CASO de Formosa, pela repercussão que tem tido, pela inquietação e os protestos que vem despertando no mundo inteiro, permanece na ordem do dia. Eisenhower quer propagar, com os braços dos outros, a fogueira da guerra na Ásia. Não se pode dizer que seja uma política nova, é uma nova tentativa de aplicação da mesma política. Basta lembrar os bombardeios do Ialu, os incontáveis raids praticados pela aviação lanque, várias milhas a dentro do território chinês. Truman apoderou-se brutalmente de Formosa e transformou essa ilha numa fortificada base militar americana. Agora seu sucessor pretende utilizá-la para atirar contra a China os mercenários de Chiang Kai Chek, com aviões e outras armas lanques. Ademais, inclui-se nos planos de extensão do conflito o bloqueio da China pela marinha americana.

Essa aventura guerreira encontra, porém, pela frente a oposição inclusive de vários países «ocidentais», como a Inglaterra, que vê assim ameaçados seus interesses comerciais no Extremo Oriente. Segundo declarou o sub-secretário britânico das Re-

# Formosa e a Cessação Do Fogo na Coreia

lações Exteriores, a esquadra inglesa está disposta mesmo a proteger seus navios que transportarem borracha para a China Popular, caso os Estados Unidos estabeleçam o bloqueio. Por essas e outras razões, pôde o «New York Telegraph» dizer que «as relações anglo-americanas há muito não eram tão tensas».

O que ressalta de tudo isso, aos olhos de todas as pessoas ainda iludidas, é que Eisenhower, ao contrário do que prometeira, não quer acabar e sim ampliar a guerra da Coreia, já que a guerra para os imperialistas é tão necessária como o ar que respiram. Quanto aos coreanos e chineses, tudo tem feito para por termo a essa carnificina. Não por medo da guerra, pois

bem sabem que «será fadada a uma derrota vergonhosa qualquer nova aventura dos intervencionistas americanos» (Kim Ir Sen), e porque estão prontos, se o imperialismo persistir em sua agressão, a lutar até que ele caia, até que os povos coreano e chinês obtenham a vitória completa» (Mao Tsé-Tung). Palavras que os próprios fatos militares confirmam, como é o caso da ofensiva americana de 25 de janeiro, cujo fracasso foi qualificado pelo «Daily News» como «rotundo», e levou o «New York Tribune» a afirmar em editorial que as fortificações defensivas dos coreanos são «indestrutíveis».

Se os coreanos e chineses querem a cessação imediata do conflito é porque

amam a paz e sabem que esse conflito representa presentemente a maior ameaça à paz mundial. No discurso que pronunciou na ONU, em 1950, e nas propostas que ali apresentou, o general Wu Ksiu-Chuan, emissário do governo popular chinês, exigiu sanções contra o governo americano por sua agressão a Formosa e à Coreia e reclamou a retirada das forças americanas daquela ilha e de todas as forças intervencionistas na Coreia, para o estabelecimento da paz. Naturalmente esta é uma exigência mínima a fazer. Mas no interesse de selucionar mais rapidamente a questão, os soviéticos apresentaram recentemente na ONU, com o apoio dos governantes sino-coreanos, a proposta de cessação imediata do fogo, ficando as futuras questões, como a de Formosa e a dos prisioneiros de guerra, para solução posterior, mediante as negociações que deverão ser reatadas.

Esta proposta foi igualmente adotada pelo Congresso dos Povos pela Paz. É uma proposta de toda a humanidade progressista e amante da paz.

# Uma Contribuição Inestimável

## A Formação Ideológica dos Comunistas

Dentro de poucos dias, os militantes de vanguarda, os trabalhadores e o povo do Brasil terão ao alcance de suas mãos a obra genial do grande Stálin — OS PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U. R. S. S.

A edição em português deste trabalho que inspirou as principais teses do XIX Congresso do P. C. da União Soviética está sendo aguardada com ansiedade por milhares e milhares de brasileiros. E é bem justificada essa ansiedade.

Nas breves páginas do magistral trabalho do camarada Stálin — de que o editorial da «Pravda», transcrito no número de 20 de dezembro de VOZ OPERÁRIA, e o informe do camarada Malenkov haviam dado uma idéia clara — assistimos ao próprio desenvolvimento da teoria marxista, ao surgimento de novas teses de transcendental importância.

A publicação de OS PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U. R. S. S. constitui uma contribuição inestimável para a formação ideológica e política dos comunistas. Ali estão formuladas novas leis que iluminam não apenas o caminho do socialismo para o comunismo, mas também a marcha irresistível de toda a humanidade para a sua libertação, para a liquidação definitiva de toda exploração e opressão. Além dos problemas específicos da economia socialista — o caráter das leis econômicas sob o regime socialista, da lei do valor, da circulação de mercadorias, a definição da lei fundamental do socialismo — e da análise das medidas que devem ser tomadas para assegurar a passagem gradual do socialismo para o comunismo, o trabalho do clarividente guia da humanidade contemporânea estuda também com profundidade a atual situação econômica do mundo capitalista, desvendando e formulando a lei fundamental do capitalismo dos nossos dias, mostrando as causas fundamentais da agravação da crise do sistema capitalista mundial e a inevitabilidade das guerras entre os países capitalistas. O camarada Stálin analisa os problemas ligados à elaboração do Manual de Economia Política Marxista e chama a atenção para a importância internacional de que se revestirá esse trabalho.

Em suas respostas aos camaradas que lhe haviam escrito fazendo observações sobre os problemas econômicos em discussão e nas notas a respeito das concepções errôneas sustentadas por outro membro do Partido, o camarada Stálin tem oportunidade de analisar de outros ângulos os principais problemas econômicos do socialismo.

Para nós, comunistas brasileiros, o precioso trabalho de Stálin constitui uma arma poderosa na luta em que nos empenhamos para elevar nosso próprio nível ideológico e político, de maneira a melhor nos capacitarmos para levar à prática as grandes tarefas pelas quais somos responsáveis.

ARTIGO DE  
MAURICIO GRABOIS

Em sua última reunião, o Comitê Nacional do nosso Partido resolveu que todos os militantes deveriam prestar a maior atenção aos materiais do XIX Congresso do Partido Comunista da União

Soviética. «O Comitê Nacional do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL determina a todas as organizações e militantes do Partido a leitura e o estudo cuidadoso dos materiais do XIX Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S. e do discurso de Stálin e recomenda aos órgãos dirigentes do Partido, em todos os escalões, que ajudem e controlem a realização desta importante tarefa» — dizia-se naquele documento.

Está claro que esta determinação se aplica inteiramente à magistral obra do grande Stálin, principal fonte das idéias luminosas debatidas no XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Da mesma maneira que os demais documentos fundamentais do Congresso, ela deve ser incluída nos planos de estudo individuais e coletivos, deve constituir tema de sabinas e seminários.

O estudo do trabalho do camarada Stálin, bem como dos outros materiais do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, é condição básica para que possamos divulgar entre as grandes massas seus ensinamentos profundos e preciosos, ensinamentos que lhes farão compreender melhor a importância da luta pela paz, que lhes infundirão maior confiança em suas próprias forças, nas forças do proletariado internacional e nas dos partidários da paz em todo o mundo, que lhes permitirão ter uma idéia mais clara do triunfo inevitável da classe operária, da desagregação e da morte certa do capitalismo, da grandiosa marcha dos povos da U. R. S. S. para o comunismo.

Levantando bem alto a bandeira da independência nacional e da liberdade, os comunistas brasileiros, tendo à frente seu chefe amado Luiz Carlos Prestes, não de saber aproveitar os profundos ensinamentos do mestre e condutor do proletariado internacional, Stálin, para fazer avançar ainda mais rapidamente a luta do nosso povo pela paz e contra o imperialismo americano, contra o atraso e a miséria, por um governo democrático e popular.



E. Bozovskaia, do Instituto de Proteção ao Trabalho de Leningrado, verifica as condições em que um torno pode trabalhar sem oferecer perigo.

### A PROTEÇÃO AO TRABALHO NA U. R. S. S.

## Um Museu Único no Mundo

A PROTOPOPOV

Em meio às frondosas árvores que embelezam a grande rua Kaluzskaia, em Moscou, ergue-se uma casa branca de regulares proporções. Em cima, logo a entrada principal, respandem em letras de ouro estas palavras de Stálin: «É necessário compreender que de todos os capitais preciosos existentes no mundo, o mais precioso e o mais decisivo são os homens, os quadros».

É neste edifício que se encontra o Museu da proteção ao trabalho, único no mundo.

Desde o quarto dia de sua instauração o poder soviético pôs em vigor o primeiro decreto sobre a proteção ao trabalho e à saúde dos trabalhadores. Este documento figura no museu com os decretos sobre a jornada de oito horas, a instituição da fiscalização do trabalho, a regulamentação das férias e outros mais. Os diagramas murais apresentam a enorme progressão das verbas destinadas pelo governo para a proteção ao trabalho.

Lênin costumava dizer que no regime socialista o progresso técnico «tornará as condições de trabalho mais higiênicas; livrará os operários da fuligem, da poeira e da imundície; acelerará a transformação das oficinas em laboratórios próprios, claros, dignos do homem».

Pendentes das paredes da sala, grandes fotografias confirmam que as palavras proféticas de Lênin são uma brilhante realidade no país do socialismo. Eis uma das oficinas da empresa têxtil Kalinin. Flores e plantas alegrem este modelo de limpeza, onde todos os operários usam blusas brancas. Aqui, vemos a ampla e clara oficina de laminação da usina «Zaporozhstal», os magníficos jardins da usina moscovita «Calibri», do combinado metalúrgico de Kuznetsk. É uma florescência de árvores frutíferas, um mar de flores.

Seis institutos dedicam-se a pesquisas científicas sobre proteção ao trabalho, a técnica da seguridade e a higiene industrial. Por outro lado, cada centro industrial importante possui laboratórios que tratam do saneamento das condições de trabalho. Os aperfeiçoamentos realizados e aplicados nas usinas e fábricas do país são expostos no museu.

Estamos, agora, na sala da técnica da seguridade. Ante nós é exposta a maquete duma fornalha. Nesses fornos são colocadas a uma elevada temperatura as barras de aço destinadas a ser trabalhadas pelo martetele. Em vista do grande calor desprendido, é difícil

ao operário controlar o estado da peça. Nem mesmo a roupa especial que o operário veste protege-o de tudo contra o calor do forno. E então? Modifica-se o «clima» na proximidade do forno! Nosso guia aciona uma alavanca sobre o lado da maquete e, diante da boca do forno, esguicha um fino chuvisco que reduz o calor e permite ao operário examinar comodamente o material.

Outro operário ergue uma lamina de ferro entre os cilindros de um laminador. Distrai-se e seus dedos se aproximam perigosamente do cilindro... «Em segundo e a máquina... pára. Que sucedeu? Uma célula foto-elétrica vigia os gestos do trabalhador e o protege. Logo que suas mãos se encaminham ao limite perigoso, interceptaram o raio luminoso dirigido sobre o olho da célula. Instantaneamente este ato é comunicado a uma peça que aciona um dispositivo especial para interceptar o motor elétrico. A proteção contra acidente é automática.

Para experimentar seus instrumentos, certos operários desprezam o sistema de proteção dos olhos. Um deles, afasta o anteparo de proteção e se aproxima da mó. El-lo, porém, surpreendido: a roda não funciona! Defeito? Não... É que com a proteção fora do lugar a roda não trabalha.

O serreiro vivia exposta a constantes perigos. Hoje, ele pode trabalhar sem receios. Em volta da serra circular é adaptado um quadro de proteção inventado pelos trabalhadores da usina de Zianozovo. O disco da serra fica completamente protegido pelo quadro e uma alavanca impede a prancha de madeira de se desviar por menos que seja, mesmo quando a serra está congestionada.

Há também no museu uma sala de eletro-seguridade. Numerosas queimaduras e até eletrocussões decorrem de comutadores expostos. Por isto, aqui os comutadores estão na parte interna das mesas e mesmo quando é indispensável que eles estejam na face superior, existe uma proteção especial que impossibilita os acidentes.

No museu são igualmente expostos numerosas maquetes de mecanismos que servem ao trabalho; gradualmente aperfeiçoadas, planos incluídos elétricos de diversos tipos, caminhos que carregam e descarregam por si próprios, aparelhos de soldagem automática, etc.

Diariamente, entre 500 a 600 pessoas visitam o Museu de Proteção ao Trabalho. Não há melhor evidência de sua grande popularidade.



Em carta que nos dirigiu (veja VOZ OPERÁRIA de 7-11-52) o leitor Miguel Arruda da Silva, de Fortaleza, Ceará, solicitou-nos a publicação de um bom retrato do general Nam. Hoje, ao mesmo tempo em que atendemos ao pedido do nosso leitor, prestamos uma homenagem a este jovem chefe militar brasileiro, que se tem batido com heroísmo contra os selvagens invasores de sua pátria.



Em novo e covarde ataque aos prisioneiros de guerra recolhidos à ilha de Kojedo, os invasores americanos assassinaram 5 deles e feriram outros 46, dos quais 8 gravemente. Acima, vêem-se soldados americanos, com o cinismo estampado na face, examinando mortos e feridos após um desses massacres. São esses prisioneiros que os americanos afirmam que se recusam a voltar às suas pátrias...

# A Tétrica Projeção dos Famintos Nordestinos

O "polígono das sêcas" cresce, aumenta de ano para ano, incluindo, hoje, áreas e populações que antes não conheciam o flagelo. Que pedaço de terra por uma migração emigra nos páus-de-arara são os pequenos camponeses que deixam seus bens e sua terra nas mãos dos latifundiários. ★ Reportagem de Anibal Bonavides ★

Há três anos seguidos que não chove no Nordeste. A terra está tão ressequida que até o lençol subterrâneo de água desapareceu completamente.

A fome e a sede, na Paraíba, estão ameaçando populações inteiras de morte e embaçamento.

Só no norte de Ceará, acabam de ser dispensados pelo governo vinte mil operários das obras contra a seca. O flagelo torna-se mais terrível do que nunca. E é neste momento que o governo joga dezenas de milhares de trabalhadores e suas famílias ao desemprego e interrompe obras contra a seca. A tétrica "projeção dos famintos" escorre, como lava humana, queimada pelo sol inclemente e ardendo, ao fogo da revolta incontida, em direção às cidades onde há a esperança dum prato de comida.

O secretário da Fazenda de Pernambuco, Nilo Coelho, declara que viu pessoas que não comem há cinco dias. Viu pouco o homem do governo, mas já viu alguma coisa.

## O «POLIGONO DAS SÊCAS» VAI CRESCENDO

Sêca e nordeste são duas palavras que andam sempre juntas na boca do povo em todo o país. Esse não é um flagelo que colha os homens de governo de surpresa. O problema é tão velho como o regime imperante. Dizem as pessoas viajadas que há mais cearenses espalhados pelo mundo do que no Ceará. Fugido da seca, há cearenses até na China. Por que, então, se o problema é tão antigo, não se impede que a situação piore de ano para ano? Por que ao menos não se atenua a situação?

Não é preciso remontar ao século passado. Nos princípios deste século, em 1912, era editado o primeiro boletim da Secretaria de Obras Contra as Sêcas. Ali se pode encontrar o fio da história de negociações com os dinheiros públicos em obras de ajuda. Por motivos que nunca foram explicados, já naquela época, queimou-se uma verdadeira fortuna em obras que foram interrompidas dum hora para outra.

O atual Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas (DNOCS) é o herdeiro do velho filho de negociações da inspetoria. Foi delimitada a sua zona de atuação sob o título pomposo de «polígono das sêcas». O decreto de Getúlio data de 1936. Trazia grandes promessas às populações nordestinas. Era como se dissesse ao povo:

— Agora, sim, tudo vai entrar nos eixos. A área das sêcas é esta. E é nela que o governo vai agir. Vai sistematizar a defesa contra as sêcas, vai irrigar, vai tratar da terra e do homem.

Mas Getúlio teve o cuidado de dizer também no seu decreto que os limites do polígono poderão ser alterados por lei. A verdade é que, depois de tanto barulho, de tanta promessa e dinheiro gasto, o famoso «polígono das sêcas», a zona sujeita ao flagelo terrível está crescendo, está aumentando. O que se verifica é que não só não existe nada feito de eficaz contra a seca, mas que pelo contrário, o «polígono da seca» cresce sem cessar. Hoje, oficialmente, o «polígono» abrange uma área de 1.150.662 quilômetros quadrados, que atravessa os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

O sertão de Ceará, com seus milhões de pessoas, não tem outro remédio senão sair em busca de trabalho e comida. É também chegada a hora dos grandes e ricos negócios para os grandes proprietários de terras.

Porque quem emigra são os pequenos proprietários de terras, os que têm o que vender. Torram, liquidam tudo por preços irrisórios, entregando por uma ninharia seus poucos bens haveres, seu pedacinho de terra aos latifundiários, que assim aumentam seus domínios com todas as «facilidades».

E com essas famílias deslocadas de suas terras pelos fazendeiros, por os

com uma população de cerca de 13 milhões de habitantes, quase a quarta parte de toda a população do Brasil. Regiões antes não atingidas, hoje, fazem parte do «polígono das sêcas».

O deserto avança, desce, aumenta de ano para ano, incluindo, hoje, áreas e populações que antes não conheciam o flagelo. Que pedaço de terra por uma migração emigra nos páus-de-arara são os pequenos camponeses que deixam seus bens e sua terra nas mãos dos latifundiários.

## A NEGOCIATA DO AÇUCAR DE «COOPERAÇÃO»

Mas não é só a força da natureza ajudada por um regime desumano e injusto que alarga sem cessar a zona das sêcas. A seca de lucro dos políticos e dos latifundiários também sabe aumentar essa área «por decreto».

É o caso do golpe dos deputados por «cooperação». Pelo decreto de Getúlio, o governo ajuda com a metade das despesas na construção de açudes iniciados por particulares. E Dutra, no lugar das luzes de seu governo, estipulou por novo decreto uma ajuda de 500.000 contos para os tais açudes de «cooperação». Em uma outra lei, de 1949, dá auxílio de 20 contos para a construção de pequenos açudes.

Baseados nisso tudo, os grandes fazendeiros fincaram estacas junto a um corte qualquer. Um mapa da região, a fotografia dum monte de pedras, os papéis e o «orçamento» da obra, eis o bastante para o governo receber milhares de contos de dinheiro dos pequenos para um açude que ficará toda a vida no papel. Não importa que se trate de região distante das fronteiras do «polígono das sêcas». O que vale é ter muitos votos de cabresto. Aí o financiamento está garantido.

## QUEM É QUE EMIGRA?

A renovação do flagelo que vem cada vez mais agudo, mais violento, repetidamente, o quadro terrível da emigração. O nordestino foge do inferno da seca. Mas é falsa a impressão de que o êxodo é generalizado, que todos podem fugir da terra queimada e esturricada. Pois as famílias emigram ou não para em concentrações de flagelados junto às grandes cidades. Assim acontece com a seca atual, por exemplo, nos sertões de

na realidade é estimular a emigração. Começa que os latifundiários que estão no governo não vão desafogar a situação dos pequenos proprietários flagelados porque isso vai atrapalhar seus próprios negócios e os dos colegas. Afinal, o poder ainda é dos latifundiários.

Durante a guerra passada, foi estimulada a emigração de nordestinos para a

de coisas atual no calcinado

Quando a seca se declara e não há outro remédio senão sair em busca de trabalho e comida, é também chegada a hora dos grandes e ricos negócios para os grandes proprietários de terras.

Porque quem emigra são os pequenos proprietários de terras, os que têm o que vender. Torram, liquidam tudo por preços irrisórios, entregando por uma ninharia seus poucos bens haveres, seu pedacinho de terra aos latifundiários, que assim aumentam seus domínios com todas as «facilidades».

## O GOVERNO ESTIMULA A EMIGRAÇÃO

Vertendo lágrimas de crocodilo, o que o governo faz

tailha da borracha porque os trustes americanos queriam mão de obra barata. Agora, que os gringos preparam nova guerra e avançam no manganês do Amapá, a emigração é canalizada em boa parte para a mina em plena selva.

Uma massa pobre composta de reideiros, moradores e trabalhadores agrícolas, sem recursos para emigrar, é obrigada a lançar-se à luta imediata para não morrer de fome e sede. Eles tomam os trens e ônibus, abatem o gado dos fazendeiros, confiscam os gêneros escondidos nos armazéns.

Ações dessa natureza repetem-se, nesses três anos, ao longo de toda a zona flagelada e fizeram com que o governo tomasse algumas medidas, enviasse algum socorro. Mas o que Getúlio fez é o mesmo que uma gota d'água no deserto. Por exemplo, dos 400 mil flagelados do Ceará, somente 70 mil receberam trabalho nas construções públicas.

Nessas obras de emergência imperam as condições dum campo de concentração: baixos salários, gêneros da pior qualidade a preços extorsivos, absoluta falta de assistência médica, ausência completa de higiene. O resultado é que a tuberculose faz entre os trabalhadores a sua tétrica colheita. Somente nos serviços do açude Raposa, durante várias semanas, metriam diariamente de seis e oito crianças.

## A MAIOR CRISE DO NORDESTE

As classes dominantes procuram explicar a crise econômica do nordeste pela seca. O que dizem os fatos? O nordeste está empobrecido pela política de preços baixos que são impostos aos seus produtos pelos monopolistas americanos. Os preços oferecidos são menores que o custo de produção. Os produtos são gravosos. Está nesta situação o algodão, a cera de carnaúba, a oiticoba, a mamona, as peles e couros.

O governo do Ceará realiza uma política de sistemática elevação dos impostos, o que determina o aumento da carestia. Assim cresceu a arrecadação de impostos estaduais: 1941 — 36 milhões de cruzeiros; 1951 — mais de 150 milhões. E para 1953, com séca e tudo está prevista uma arrecadação de 215 milhões.



Na farsa monstruosa do «voluntariado» para a Coreia, os agentes americanos falam em «despedir» no nordeste. Os bandidos americanos querem explorar a fome e o desespero das massas flageladas para obter carne de canhão para sua sangrenta agressão contra o heróico povo coreano. A luta contra a seca é inseparável da luta contra o envio de tropas, contra o acórdio militar.

Inhamuns e no município de Campos Sales, no Ceará.

## UMA GOTA D'ÁGUA NO DESERTO

A massa pobre composta de reideiros, moradores e trabalhadores agrícolas, sem recursos para emigrar, é obrigada a lançar-se à luta imediata para não morrer de fome e sede. Eles tomam os trens e ônibus, abatem o gado dos fazendeiros, confiscam os gêneros escondidos nos armazéns. Ações dessa natureza repetem-se, nesses três anos, ao longo de toda a zona flagelada e fizeram com que o governo tomasse algumas medidas, enviasse algum socorro. Mas o que Getúlio fez é o mesmo que uma gota d'água no deserto. Por exemplo, dos 400 mil flagelados do Ceará, somente 70 mil receberam trabalho nas construções públicas.

Nessas obras de emergência imperam as condições dum campo de concentração: baixos salários, gêneros da pior qualidade a preços extorsivos, absoluta falta de assistência médica, ausência completa de higiene. O resultado é que a tuberculose faz entre os trabalhadores a sua tétrica colheita. Somente nos serviços do açude Raposa, durante várias semanas, metriam diariamente de seis e oito crianças.

Nesta seca foi organizado o Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. É um movimento popular, amplo, sem partido, que agrupou logo de início todas as camadas da população atingidas pelo flagelo. Quando de sua fundação em Fortaleza, o Movimento contou com o apoio de 36 organizações populares as mais diversas, 10 sindicatos operários. Na capital foram imediatamente organizadas oito sub-comissões de bairro e grande foi a repercussão em todo o interior. Adireram personalidades e a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal de Fortaleza solidarizaram-se com a iniciativa.

Os milhares e milhares de flagelados não esperam que cheguem as comissões do governo, que terminem os estudos, que a morte pela fome e a sede os venha buscar. Eles passam a ações imediatas, pois é isto que adianta. Abatem o gado dos fazendeiros, tomam os alimentos com suas próprias mãos, ocupam e defendem as terras.

Nesta seca foi organizado o Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. É um movimento popular, amplo, sem partido, que agrupou logo de início todas as camadas da população atingidas pelo flagelo. Quando de sua fundação em Fortaleza, o Movimento contou com o apoio de 36 organizações populares as mais diversas, 10 sindicatos operários. Na capital foram imediatamente organizadas oito sub-comissões de bairro e grande foi a repercussão em todo o interior. Adireram personalidades e a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal de Fortaleza solidarizaram-se com a iniciativa.

Os milhares e milhares de flagelados não esperam que cheguem as comissões do governo, que terminem os estudos, que a morte pela fome e a sede os venha buscar. Eles passam a ações imediatas, pois é isto que adianta. Abatem o gado dos fazendeiros, tomam os alimentos com suas próprias mãos, ocupam e defendem as terras.

Nesta seca foi organizado o Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. É um movimento popular, amplo, sem partido, que agrupou logo de início todas as camadas da população atingidas pelo flagelo. Quando de sua fundação em Fortaleza, o Movimento contou com o apoio de 36 organizações populares as mais diversas, 10 sindicatos operários. Na capital foram imediatamente organizadas oito sub-comissões de bairro e grande foi a repercussão em todo o interior. Adireram personalidades e a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal de Fortaleza solidarizaram-se com a iniciativa.



Mão-de-obra barata, trabalho escravo para as grandes fazendas de café. A coisa chegou ao ponto de serem enviados policiais para trazer paus-de-arara para São Paulo.

## AGRAVA-SE O QUADRO DRAMÁTICO

Nos dias que correm, já no terceiro ano consecutivo de inverno, isto é, sem chuva, agrava-se o quadro dramático. Como nos dias negros de 51 e 52, as massas de flagelados se põem em movimento e lutam. Os ricos tremem diante de dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças que se dispõem a invadir suas bem providas despensas, depósitos de gêneros e mercados. As massas exigem de imediato trabalho e comida.

Enquanto os homens de governo, assustados, pedem medidas de emergência, os flagelados recordam que, em 53 algumas poucas chuvas foram pretexto para suspender as obras. Ao todo, cerca de 400 mil trabalhadores da Comissão de Auxílio ao Nordeste foram desmobilizados. Na ocasião, deram 20 cruzeiros a cada um, alguns quilos de feijão, uma enxada e um cartão de Getúlio desejando ironicamente felicidades e exigindo aumento da produção agrícola.

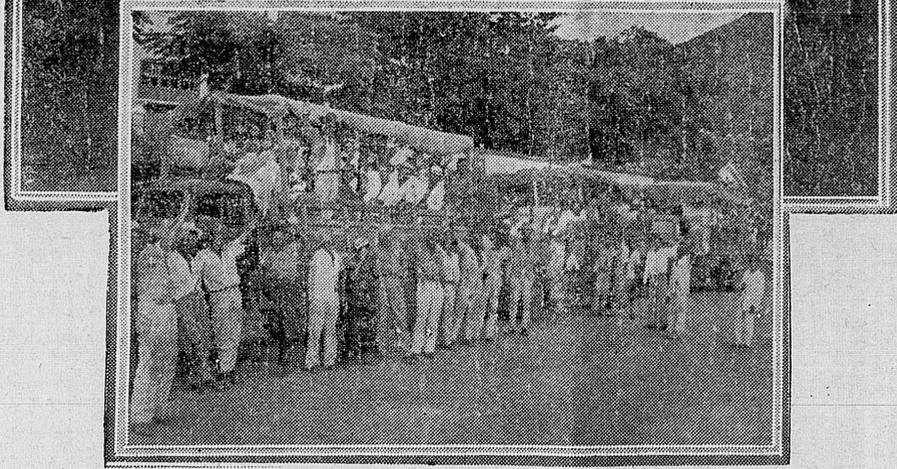
## COMIDA E TRABALHO, TERRAS FRESCAS PARA OS CAMPONESES

Os milhares e milhares de flagelados não esperam que cheguem as comissões do governo, que terminem os estudos, que a morte pela fome e a sede os venha buscar. Eles passam a ações imediatas, pois é isto que adianta. Abatem o gado dos fazendeiros, tomam os alimentos com suas próprias mãos, ocupam e defendem as terras.

Nesta seca foi organizado o Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. É um movimento popular, amplo, sem partido, que agrupou logo de início todas as camadas da população atingidas pelo flagelo. Quando de sua fundação em Fortaleza, o Movimento contou com o apoio de 36 organizações populares as mais diversas, 10 sindicatos operários. Na capital foram imediatamente organizadas oito sub-comissões de bairro e grande foi a repercussão em todo o interior. Adireram personalidades e a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal de Fortaleza solidarizaram-se com a iniciativa.

Os milhares e milhares de flagelados não esperam que cheguem as comissões do governo, que terminem os estudos, que a morte pela fome e a sede os venha buscar. Eles passam a ações imediatas, pois é isto que adianta. Abatem o gado dos fazendeiros, tomam os alimentos com suas próprias mãos, ocupam e defendem as terras.

Nesta seca foi organizado o Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. É um movimento popular, amplo, sem partido, que agrupou logo de início todas as camadas da população atingidas pelo flagelo. Quando de sua fundação em Fortaleza, o Movimento contou com o apoio de 36 organizações populares as mais diversas, 10 sindicatos operários. Na capital foram imediatamente organizadas oito sub-comissões de bairro e grande foi a repercussão em todo o interior. Adireram personalidades e a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal de Fortaleza solidarizaram-se com a iniciativa.



DENTRO do drama terrível dos flagelados se inscreve, como a mais negra mancha duma sociedade injusta e desumana, a situação indescritível a que são jogadas as crianças. Elas são ceifadas impiedosamente, pela fome, a sede, a tuberculose ao longo dos caminhos trágicos do êxodo. O percurso das opaus-de-arara é batizado pelas covas rasas das crianças que não resistem à vingem medonha, sem conforto, sem higiene, sem alimento.

Dentre os que ficam no nordeste, a mortalidade infantil atinge as cifras mais impressionantes. O que ocorre em Fortaleza, por exemplo, ultrapassa os cálculos mais pessimistas. Eis o que diz a estatística de 1951: Nascimentos: 6.258 crianças. Obitos: 3.885 crianças de menos de um ano. Mais de metade das crianças nascidas em 51 morreram antes de completar um ano de idade. É a liquidação de nosso povo pela fome. O pediatra Alisto Mamede, após acurado estudo da situação, chegou à seguinte conclusão: 79% dos óbitos ocorrem no seio da classe operária; 20% desse morticínio atinge os filhos de famílias na classe média, o que atesta um empobrecimento incalculável da população. Somente 1% sobe às famílias ricas.

Estadísticas do obituario infantil de menos de um ano acusam os seguintes dados para os meses de janeiro e fevereiro:

**JANEIRO**  
Nascimentos: 311.  
Óbitos: 416.

**FEVEREIRO**  
Nascimentos: 354.  
Óbitos: 401.

É estarrecedor. Morrem mais crianças do que nascem. O regime feudal-burguês trata o nosso povo como os americanos trataram os índios em sua terra — resolveram o problema pela eliminação pura e simples da população.

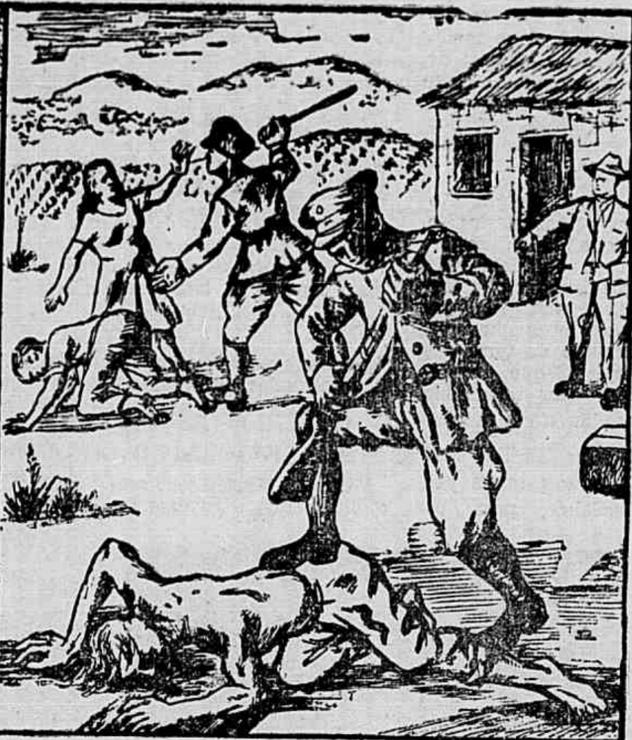
O despoamento do nordeste não está alheio aos planos americanos de ocupação de nosso território. Os gringos estão fazendo do estratégico saliente do nordeste um trampolim para suas aventuras guerreiras. Não lhes interessa ter na retaguarda um território povoado por brasileiros que odeiam o invasor americano e lutam contra seus planos guerreiros de escravização não só de nossa pátria, mas do mundo inteiro.

# NAS TERRAS DE GUARAREMA



Por volta de 1941 chegaram dezenas de famílias a estas terras, que eram devolutas. Desbravaram as matas, construíram casas, abriram estradas, fizeram plantações. Depois chegaram novas famílias que trabalharam novas áreas das férteis terras banhadas pelas águas do Guararema, município de Bento de Abreu, em S. Paulo. As terras foram assim valorizadas pelo trabalho fecundo dos posseiros.

Depois disso chegaram os grileiros latifundiários e seus jagunços. A justiça dos ricos deu-lhes o título de «donos» das



Sentindo-se ameaçados, os camponeses mandaram uma comissão ao Rio, pois Getúlio tinha prometido terra para eles.

Na assembléia, a comissão presta contas. Andou 18 dias de Herodes para Pilatos sem nada conseguir.

Pouco tardou para que vissem quem é o governo. Foram assaltados por soldados e jagunços, que espancaram homens e mulheres.



Muitas famílias foram expulsas de suas terras. Os latifundiários tomaram-lhes as casas, as terras, as plantações.

Os camponeses mais destacados na luta foram levados à prisão. A «justiça» dos ricos negou-lhes o direito à indenização.

Agora eles sabem que este regime jamais lhes dará terra. O latifundiário Getúlio quer é mandá-los morrer na Coreia. Lutam pela terra e pela paz.

# ...E O DESERTO SE TRANSFORMA EM JARDIM

UM velho ditado usbeco diz que «onde termina a água, termina a terra». E assim tem sido.

O flagelo da seca enxota o nome de todas as regiões que açoita com rigor. Que dizer, então, dos imensos desertos de areia, onde a falta d'água é permanente e os oásis, ilhas férteis na desolação, são os únicos pontos onde é possível a vida? Eles não se contentam de castigar o homem em suas próprias áreas. Disputam as regiões vizinhas, crescem, esterilizam e ressecam territórios onde antes se espalhavam ricas pastagens e lavouras florescentes. Soterram cidades sob suas areias abrasadas. Sepultam os oásis. Expulsam a vida e fazem imperar a morte.

Foi por isso, sem dúvida, que naquele Congresso realizado em Moscou, o idoso Fer-ud-in respondeu sem alento a uma pergunta de Lênin sobre o que esperava do futuro:

— «Que posso eu, um velho turcmeno da tribo de Aball, dizer diante de todos vocês? Que podemos nós esperar do tempo, quando o tempo nos rouba até a última gota d'água dos poços e soterra os vinhedos na areia? Venho da terra conhecida como Kara Kum, que quer dizer Areias Negras. Você, camarada, pensa na felicidade do povo pobre, mas nós pensamos em água. E não há água! Allah fez nosso solo secar até uma profundidade de dez medidas de espádua a espádua. Que se pode fazer, camarada? Você é forte e poderoso. Você é um grande homem, tem ouvido aguçado e olhos

penetrantes, mas como poderá ajudar-nos, a nós, os turcmenos? Por isso me calo neste grande Congresso.» Então, Lênin sorriu e retrucou:

— «Haverá água no Kara Kum! O povo livre a levará, Fer-ud-in.»

O Poder Soviético cumpre, hoje, a promessa de Lênin ao velho Fer-ud-in.

Transforma-se em território fértil a imensa área da República Socialista Soviética da Turcmênia, a mais quente e seca de todas as repúblicas soviéticas.

O povo soviético atirou-se à conquista do Kara Kum, à ressurreição de suas areias negras.

Para essa empresa os principais esforços estão sendo concentrados na construção do Grande Canal da Turcmênia que, com seus 1.000 e tantos quilômetros de extensão, será o maior canal do mundo. A conclusão das obras está marcada para 1957 mas, levando em conta os prazos excepcionais em que foram executadas outras realizações, como o canal Volga-Don, não é impossível que antes disso esteja ele terminado.

Os povos da Turcmênia eram, até 1917, povos coloniais, explorados de maneira selvagem pelo imperialismo da Rússia czarista. Suas condições de vida, atrassadíssimas, comparavam-se às que hoje padecem os habitantes do Oriente Médio (Irã, Iraque, etc.) submetidos aos imperialismos inglês e norte-americano. A plena e efetiva igualdade das nações dentro da União Soviética permitiu, porém, aos habitantes da Turcmênia um grande florescimento nacional, graças à ajuda recebida do Estado. De 1928 a 1951, sua produção industrial aumentou cerca de 22 vezes. Há na Turcmênia 60 estudantes de escolas superiores para cada 10.000 habitantes, enquanto que só existem 36, na França, 21 na Suécia, 12 na Turquia e 9 na Índia. O analfabetismo foi liquidado e o país já conta hoje com sua própria Academia de Ciências.

Essa Academia colaborou com todo o desvelo nos estudos preliminares ao estabelecimento do traçado do canal e de todas as obras correlatas. Mas, ainda aí, o Estado Soviético demonstrou novamente seu completo amparo às pequenas nacionalidades, pois todas as instituições científicas da U.R.S.S. participaram dos estudos prévios e continuam cooperando na solução dos complexos problemas da grande construção.

O rio Amú Dariá, que ladeia o Kara Kum e desemboca no mar de Aral, será o grande provedor de água para o canal da Turcmênia e as obras de irrigação que dele dependem.

O canal incluirá diversas represas e estações hidrelétricas e fornecerá água a mais de 1.100 quilômetros de canais subsidiários. Se fôsse amontoada toda a terra escavada, ela daria para formar uma montanha de mais de 1.500 metros de altura, isto é, igual a duas vezes o Corcovado. Para o imenso sulco resultante dessa gigantesca escavação serão atiradas as águas do rio Amú Dariá, depois de represadas em seu curso inferior, na altura de Takhia Tash, onde foi estabelecida a principal base de operações.



Mapa da Transcaucásia e das regiões vizinhas. Pode-se distinguir o traçado esquemático do Grande Canal da Turcmênia, majestosa realização stalinista.

Ao longo do canal ficarão irrigados 13.000 quilômetros quadrados de terras, ao mesmo tempo que será fornecida água para 69 mil quilômetros quadrados de pastagens. Em ambas as margens serão plantadas franjas florestais, e as localidades futuras ficarão protegidas dos ventos quentes e das tempestades de areia por meio de árvores e arbustos copados, a exemplo do que se fez em Takhia Tash, cidade recém-construída, de apenas 200 casas, onde foram plantados 150.000 exemplares.

Esses dados de referência ainda não dão uma verdadeira idéia da grandiosidade do esforço pela conquista do Kara Kum. Devem ser levados em conta outros fatores a mais. Assim, por exemplo, seria praticamente impossível conquistar essas areias se o material de construção tivesse de vir todo transportado de longe. Foi preciso, portanto, encontrar materiais locais que se prestassem à utilização. Isso foi feito, com o aproveitamento da própria areia do Kara Kum. Para que, no futuro, as plantações pudessem apresentar alto grau de rendimento era preciso garantir maior resistência à salinidade por parte das culturas de algodão. Isso foi feito, e já se pode prever que a produção algodoeira crescerá de oito vezes. Com finalidades semelhantes teve-se de estudar a melhoria de composição de todas as terras ao longo do canal. Isso também foi feito.

Enfim, foi feito tudo o que era preciso fazer. Verbas imensas foram destinadas a essa obra fecunda. O Estado Soviético pôde dispor dessas verbas porque seu orçamento é um orçamento de paz, porque não esbanja seu dinheiro em superarmamentos destinados à agressão a outros povos, como fazem os países do campo imperialista.

Lá, no baluarte da paz, os desertos se transformam em jardins.

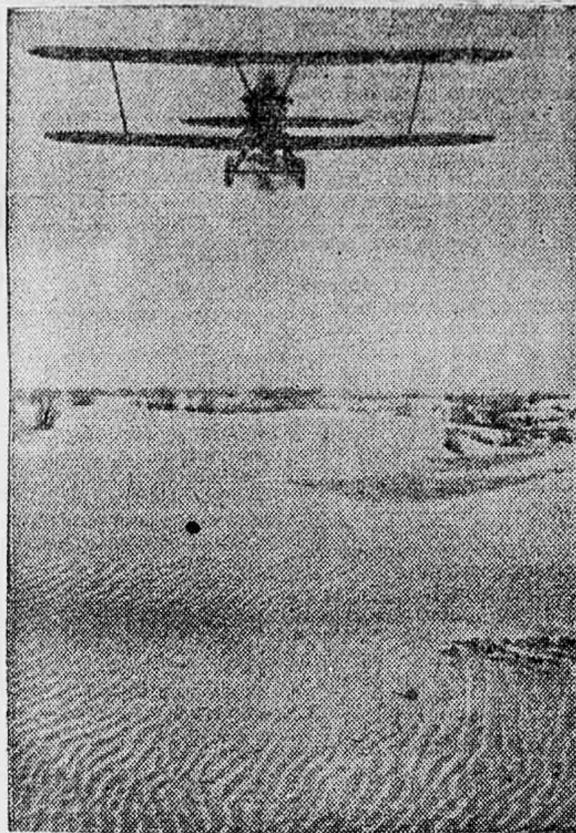
Enquanto isso, no Brasil, milhares de camponeses são banidos do Nordeste pelas secas e o regime do latifúndio. Como diz a cantiga,

«Até mesmo a asa branca  
Foi-se embora do sertão».

E, no entanto, em nosso país, o fenômeno é o das secas periódicas, alternadas com fases de chuvas abundantes, nada comparável a problemas como o do Kara Kum ou do Kizil Kum. E' que o Estado feudal-burguês executa uma política de militarização da economia, de submissão ao imperialismo, de preparação da guerra aos países pacíficos. Está claro, portanto, que quase não dispõe de verbas e que o pouco dinheiro que resta das despesas belicistas não pode ser destinado a gastos de interesse do povo, pois esse interesse é contrário aos dos dominadores.

Aqui, no Brasil, os jardins se transformam em desertos.

Mas a terra dará os mesmos frutos, quando for cuidada com o mesmo carinho.



EM CIMA: A aviação agrícola semeia saxaul negro no deserto. Em pouco tempo, nesta região árida crescerá abundante vegetação, fixando a areia e abrindo caminho para que o homem conquiste esta terra para a agricultura.



AO LADO: A espessa vegetação de saxaul negro retém firmemente a areia e, além disso, constitui um excelente combustível.

# 7 DIAS NO BRASIL

ENTRE DOIS FOGOS

A MAIORIA americana da Câmara Federal se encontra entre dois fogos: de um lado, as ordens do patrão lanque para que o Acórdo Militar seja aprovado a toque de caixa e de outro a crescente pressão patriótica exercida através do clamor nacional contra o Acórdo infame. Cedendo ao fascínio dos dólares, a maioria dá golpes sobre golpes para fazer passar o Acórdo, viola seguidamente o Regimento da Câmara, escamoteia escandalosamente projetos em regime de urgência como a lei de inatividade dos militares. Nessa lista servil há nomes a destacar: Capuena, líder da maioria, Nereu, velho fascista e presidente da Câmara e, por trás deles, Getúlio, Góis e João Neves. Contudo, dentro do próprio Parlamento, um grupo de deputados, estimulado e apoiado pelas manifestações do povo, trava cerrada batalha para impedir que o Acórdo passe. E fora da Câmara é o que se vê: a Assembleia Legislativa de Pernambuco, por esmagadora maioria, repudia o Acórdo; em São Luiz do Maranhão, milhares de pessoas acorrem a um comício contra o tratado da traição; em Uberlândia, em São Paulo, em Pernambuco, novos pronunciamentos patrióticos se sucedem. Nessas manifestações de nosso povo que dependerá o desfecho da questão: elas poderão ser suficientemente fortes para alertar os deputados entreguistas quanto ao perigo que correm ao optar pelos dólares do patrão lanque.

## PENICILINA E UÍSQUE

DOS nos livros de uma epidemia de doença infecciosa, agora, no país. Seria um desastre! Quem o diz é o chefe do Setor de Medicamentos da COFAP, sr. Heitor Malaguito de Souza, após um inquérito efetuado, no qual apurou que os estoques de penicilina no país chegam apenas para um mês. Essas palavras são anunciadas quando dezenas de milhares de pessoas no Distrito Federal e outras cidades são atacadas de gripe que não é benigna, e quando as condições sanitárias do país são as mais precárias (surto de febre amarela, em São Paulo; da estranha enfermidade do soluço que dizima crianças em Recife e por aí a fora). Já se vê, portanto, que infundadas são as esperanças do sr. Malaguito e que o perigo já existe de corpo inteiro. E por que essa falta de penicilina? Porque a CEXIM, isto é, o governo, preferiu destinar as divisas para a importação de outros produtos, como as bebidas finas estrangeiras (mais de 212 milhões de cruzeiros, em 1951), uísque (mais de 30 milhões de cruzeiros de janeiro a agosto de 1952) e assim por diante.

## OS "QUISLINGS" ERAM DIFERENTES?

A Tribuna da Imprensa e outros jornais divulgam: «A voz corrente lá (nos Estados Unidos — Nota da VOZ OPERÁRIA), em todos os meios, que os comunistas estão bem organizados no Brasil e são numerosíssimos, com forças e disciplina bastantes para dominar o país. Não contanto, entretanto, com nenhuma base de abastecimento militar em país vizinho, sabem que não poderiam resistir à reação fulminante que as FORÇAS ARMADAS AMERICANAS oporiam ao golpe, mobilizando, imediatamente, a esquadra para bloquear nossas costas e o exército para a repressão em terra». Essas declarações são atribuídas ao sr. Osvaldo Aranha, ao informar ao sr. Getúlio Vargas sobre sua viagem aos Estados Unidos. Não foram desmentidas pelo indiciado autor e os jornais que as publicaram não fizeram qualquer ressalva. Antes, reproduziram-nas com destaque, gostosamente. Que ressaltava dessas palavras? Que os imperialistas americanos consideram nossa Pátria como uma colônia e se acham no direito de meter o focinho nos nossos negócios internos como se estivessemos no seu próprio quintal, que uma potência estrangeira declara sustentar o atual regime de fome e guerra no Brasil. Como se vê, é a mesma política aplicada na Coreia, onde sofreu vergonhoso fracasso. Diante do patriotismo do nosso povo é tão certo como dois e dois são quatro que tal política não daria melhores frutos.

## A QUE LEVA O MÊDO A PAZ

QUANDO participava de uma reunião da Associação Mineira pela Paz Mundial, foi preso o coronel Olímpio Ferraz de Carvalho. Ao resistir à ordem de prisão, irregular e ilegal, o coronel Ferraz foi também selvagemmente espancado por «tiras» da polícia e soldados do Exército, sem qualquer consideração pela sua qualidade de oficial superior do Exército. Na ocasião, foram também presos o ex-deputado Armando Ziller, o editor Roberto Costa e outras figuras conhecidas em Minas. Para justificar a violência, a polícia e o comando da 4ª Região Militar apontam o coronel Ferraz como «chefe comunista» e a reunião como tendo igual caráter, não obstante ter sido ela publicamente anunciada. No que diz respeito à Associação, é sabido que se trata da organização do partido dos partidários da paz de Minas. E quanto ao coronel é amplamente conhecido como um dos dirigentes do Partido Trabalhista em Minas. Dessa forma, as alegações dos responsáveis pela violência não são bastantes para esconder as verdadeiras causas da selvageria. Na realidade, o que está por trás desse covarde atentado é a histeria guerrilheira e pavor a qualquer atividade pela paz, a desesperada tentativa de esmagar pelo terror a resistência patriótica ao Acórdo Militar.

# Além da Fábrica, Lata D'água na Cabeça

## A dupla carga que pesa sobre a mulher operária

Reportagem de ZULMA COSTA

ELAS são os primeiros a despertar. Quando ainda toda a cidade dorme, já os operários, marmitta sob o braço, se apertam nos trens e nos bondes, em demanda ao trabalho. Vivendo anos e anos dessa maneira, dormindo pouco e se alimentando pouco, não podem ter uma vida longa. Muito jovens ainda, são levados pela morte, deixando mulher e filhos ainda crianças.

Por isso existem numerosas viúvas que passam a trabalhar de maneira redobrada para o sustento do lar, enfrentando o trabalho com os homens o batente numa fábrica. A tecelã Olívia da Silva é uma dessas operárias. Moradora no morro do Salgueiro, viúva com quatro filhos, trabalha na Fábrica Cruzeiro, lá no Andaraí. Sua vida nada tem de invejável. Há 13 anos que ela assim vive mas até hoje não houve um mês em que tivesse conseguido ganhar o salário mínimo. Sua filha mais velha já é operária e, já está sendo explorada pelos industriais como o é sua mãe e também foi o seu pai. A exploração passa de geração a geração. A menina, embora execute o mesmo trabalho dos adultos, dificilmente percebe 600 cruzeiros — salário mínimo de menor — devido à assiduidade 100 por cento, às multas e suspensões injustas.

## MILHÕES PARA OS INDUSTRIAIS E A RUINA PARA AS OPERÁRIAS

A tecelã Olívia envelhece e perde sua saúde no estafante mister de tecer para os patrões. No entanto, em todos os seus anos de trabalho, nunca viu em sua mão dinheiro que chegasse em resultado dos aumentos ganhos depois de tanta luta. E que os industriais usam de todos os meios para suprimir esses aumentos. Ela se queixa do que houve em fins de 1948: «Tivemos um aumento de 15 por cento, que foi sendo reduzido gradativamente porque o patrão mudava os tipos de pano para baixar o preço pago a cada uma de nós».

Enquanto as operárias largam o couro nas máquinas e, no fim do mês não lhes sobra nada, o tubarão Rocha Faria, proprietário da «Cruzeiro» e de outras grandes fábricas tiram rios de dinheiro. Só em 1950, seus lucros se elevaram a 65 milhões de cruzeiros!

## ALÉM DA FÁBRICA, LATA D'ÁGUA NA CABEÇA

As 4 horas da madrugada, Olívia já se encontra de pé em seu modesto barracão, procurando por em ordem tudo no seu lar. O dia para ela começa bem antes da jornada na fábrica. Ela é também o chefe de casa e seus filhos são franzinos. No morro não tem água encanada e, sem água não se passa. Então, dona Olívia desce o morro e volta com a lata cheia, na cabeça. Não poderia ser de outra forma: recebendo em média, na fábrica, 950 cruzeiros e gastando 150 com o aluguel do barracão, só lhe sobram uns 800 cruzeiros para despender com o armazém e passagens. No fim do mês ela não pode comprar sequer um tãmanco — diz revoltada — como pensar em pagar a alguém para trazer-lhe água? Os domingos? Ah! São aproveitados para pôr a casa em ordem, remendar as roupas dos menores que estão na escola.

## 20 HORAS DE TRABALHO NA FÁBRICA E NO LAR

Não é menos dura a vida da tecelã Hermezinda. Seu marido com 25 anos de serviço, não ganha mais que 45 cruzeiros por dia ou seja um total de pouco mais de 1.300 cruzeiros por mês. Com esse dinheiro não é possível manter a família que consta de 7 pessoas, pois, o casal tem cinco filhos. Por isso, o dia de trabalho da operária Hermezinda começa de véspera.

A noite cozinha o feijão e já às 4 horas vamos encontrá-la preparando o almoço. Quanto aos filhos pequenos, deles se encarrega a maiorzinha que, também já faz outros serviços de casa. Desde pequena empenhada no batente em casa, a menina não pode frequentar escolas. Eis uma das razões por que milhões de mulheres brasileiras têm um baixo nível cultural, inferior ao dos homens.

Madrugada, ainda, Hermezinda sai de casa para o trabalho. Por mais que se empenhe em chegar na hora, às vezes se atrasa e perde o domingo. Outras vezes é obrigada a faltar cinco ou seis vezes no ano e os patrões lhe reduzem o período das férias. Daí, que entra e sai ano sem que essa operária conheça o que é repouso.

As 20 horas, e depois de enfrentar transportes superlotados, ela, exausta, de regresso ao lar. Os problemas a esperam acumulados. Ora são as compras que a maiorzinha não fez direito; ora é o arroz que falta para a marmitta do dia seguinte; muita vez são as queixas dos vizinhos contra a peraltice das crianças que escaparam ao controle da mais velhinha. E um tenis que furou, a roupa da escola que precisa remendar, um caderno que falta e a luta vai até perto de meia noite quando a operária chega quase a desfalecer.

A operária sofre duplamente: a exploração do patrão que a fureta polpudos lucros à custa de suas privações e, de outro lado, a injustiça desse regime desumano que faz com que os duros afazeres do lar recaiam sobre os seus ombros.

## OS PATRÕES PROCURAM LIQUIDAR A ALEGRIA DAS JOVENS

Há uma idade do sonho, quando um vestido novo ou um par de brincos constituem motivos de intensa alegria. E a juventude. As jovens operárias também sonham com uma vida melhor, gostam de um cinema, de um passeio, de namorar. Como todos os operários, porém, elas têm de madrugar, fazer extenuantes viagens para chegar ao trabalho. São assim as quatro jovens cheias de vida ouvidas por VOZ OPERÁRIA. Elas moram em Padre Miguel, próximo a Bangú, saem de casa às 4 horas e chegam de volta às 20 horas quando além de jantar, procuram ajeitar os vestidos para o dia seguinte. Somente aos domingos podem sair livremente a passeio mas, falta-lhe dinheiro porque os seus salários são insignificantes.



Dos 30 mil grevistas têxteis cariocas, cerca de metade eram operárias. Elas foram um baluarte não só nas empresas e no sindicato como também nas ruas para conquistar a solidariedade do povo. No clichê, operárias exigindo a greve que durou 52 dias.

Trabalham tanto para ganhar o que, 500 ou 600 cruzeiros por mês. Quando não conseguem entrar no trem superlotado, porque não cabe mais gente, gastam cerca de 16 cruzeiros com lotações e ônibus, a fim de chegar à fábrica às 7 horas. Mas, quando conseguem penetrar no trem, sujeitam-se a viajar nas piores condições: quase sem poder respirar, empurradas em meio aos homens, em situações muito vexatórias ao pudor feminino. Nesses transportes é que se vê que não existe a mínima consideração para com a mulher. Trabalhando tanto como os homens e ganhando menos, apesar do seu organismo que merece mais cuidado, é lançada a trancos e barrancos em meio a brutalidade existente nos trens.

## AS VEZES, ATÉ CASAR E' PROIBIDO

Mas, a coisa mais dura se encontra nas fábricas. Em geral, nem lavatórios e vestimentas existem para as operárias. Principalmente, em fábricas de tecidos, grupos de mulheres fazem uma roda para que outras mudem a roupa. O trabalho em geral é feito de pé o que debilita o organismo feminino, produzindo varizes.

Muitas empresas há, onde as operárias, ao se casarem, são demitidas. Para as que têm filhos pequenos, raramente existem creches: as operárias deixam as crianças expostas aos maiores perigos, em mãos até de pessoas estranhas. Na fábrica, as operárias são obrigadas a carregar pesos e executar trabalhos brutais, mesmo quando em adiantado estado de gravidez. Não há o mínimo cuidado

## IGUALDADE DE DIREITOS PARA A MULHER

A MULHER operária moureja ombro a ombro com o homem nas fábricas e nos demais setores de trabalho. Mas, não é só. A mulher além de trabalhar lá fora do lado do compenheiro, passa a enfrentar o batente dentro de casa. Ela não é, portanto, inferior ao homem como apregoam as classes dominantes que sustentam esse regime de escravidão e opressão. A mulher demonstra uma fibra inquebrantável na luta pela conquista de uma vida melhor.

Apesar disso, seu salário é inferior ao do homem. E, nas lutas pelas reivindicações, ela se bate com firmeza pela conquista de salário igual, pela emancipação da classe operária que também constituirá a emancipação da mulher. A mulher brasileira tem dado provas de valor nas lutas do povo, como no Rio Grande do Sul, nas greves dos têxteis do Distrito Federal e de Pernambuco.

A mulher operária participa ativamente das lutas, porque sabe que ela constitui uma alavanca forte na conquista dos direitos da classe operária.

Em junho próximo realiza-se em Copenhague, capital da Dinamarca, o Congresso Mundial de Mulheres. As mulheres brasileiras debatem seus problemas e preparam-se para defender nesse Congresso seus interesses e a luta.

# Comércio - Fator de Combate à Crise E de Elevação do Nível de Vida

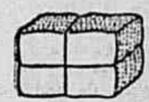
## O Congresso dos Povos Pela Paz Indicou Este Caminho:

**"NO GRANDE ESFORÇO QUE DESENVOLVEMOS PARA LEVAR TODOS OS POVOS A SE UNIREM NA DEFESA DA PAZ E PARA REENCONTRAREM A FELICIDADE, O REINÍCIO DO INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE TODOS OS PAISES, À BASE DA IGUALDADE E DA GARANTIA DE RECIPROCIDADE, É INDISPENSÁVEL"**

(Das "Recomendações" do Congresso)

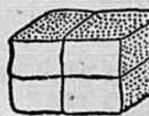
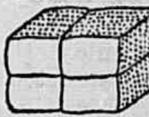
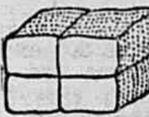
DE norte a sul do Brasil acumulam-se montanhas de estoques dos mais variados produtos necessários à vida do homem.

Mais de 200.000 toneladas de algodão.  
Mais de 200.000 toneladas de madeiras.  
Mais de 40.000 toneladas de cacau.  
Mais de 25.000 toneladas de couro.  
Mais de 16.000 toneladas de mamona.  
Mais de 14.000 toneladas de sisal.  
Mais de 12.000 toneladas de babaçu.  
Mais de 9.000 toneladas de óleo de babaçu.  
E muita coisa mais. Cerca de 100 produtos brasileiros se encontram na mesma situação.



**VALOR DA EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO (de Jan. a Nov.)**

1 fardo = 1.000.000,00 (Cr \$)  
(valor exportado)



1951 : 3.700.000.000,00 1952 : 620.000.000,00

Além disso, os preços dessas e de outras mercadorias baixaram de maneira assustadora.

A tonelada de algodão em julho de 1951 alcançava o preço de 28.000 cruzeiros, caiu para 20.000 em julho de 52. A tonelada de linter passou de 10.500 cruzeiros para 3.500. A tonelada de couro preparado, de 72.000 cruzeiros baixou para 22.000. A tonelada de quartzo caiu de 96.000 cruzeiros para 52.000.

E quase tudo mais baixou nessa proporção — de 30 a 80 por cento.

### QUAIS AS CAUSAS DA EXISTÊNCIA DESSES ENORMES ESTOQUES E DESSA ESPANTOSA BAIXA DE PREÇOS?

Isso acontece porque o Brasil está comerciando quase que só com os Estados Unidos e o grupo de países que se encontra sob a influência dos Estados Unidos.

O governo americano realiza uma política de preparação de guerra, uma política de «guerra fria» contra os países que não se submetem a sua influência. Por isso dificulta todo o comércio com a União Soviética, a China e os países de Democracia Popular. Os tubarões americanos não querem que o Brasil tenha relações comerciais com esses países, porque isso prejudicaria seus interesses. E o governo de Getúlio submeteu-se a essa imposição americana.

Além disso:

— Para aumentar cada vez mais os seus lucros, os americanos forçam a baixa dos preços dos produtos que são obrigados a importar, enquanto mantêm altos os preços de suas próprias mercadorias de exportação. Como conse-

quência, registrou-se uma diferença contra o Brasil, durante o ano passado, de 11 bilhões de cruzeiros, no comércio internacional.

Os americanos jogam com enormes capitais e grandes estoques para fazer sua política de preço. Mais ainda: fazem enormes plantações com trabalhadores semi-escravos nos países coloniais da África. POR ISSO, ENQUANTO DURANTE O ANO DE 1952 AS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA OS ESTADOS UNIDOS DIMINUIRAM DE 3%, AS DA ÁFRICA AUMENTARAM DE 34%.

— O mercado americano e os dos demais países com os quais estamos comerciando se restringe cada vez mais, porque piora sua situação econômica.

Em julho de 1952 a produção industrial americana foi 8% menor que a de julho de 1951.

Em 1952 foram consumidos nos Estados Unidos 20% menos de produtos de cacau do que em 1951.

Os salários reais dos trabalhadores na França e na Itália são hoje menos de metade dos de 1939.

Os Estados Unidos já contam mais de 3.000.000 de desempregados totais e 10.000.000 de desempregados parciais. Em todos os demais países capitalistas aumenta o desemprego e, como consequência, diminui o poder de compra.

Como consequência disso tudo

**O BRASIL SE ENCONTRA A BRAÇOS COM UMA SÉRIA CRISE COMERCIAL, CRESCENDO AS NOSSAS DIFICULDADES, AUMENTA A AMEAÇA DE SERMOS ARRASTADOS A UMA CRISE ECONÔMICA GERAL.**

★

Entretanto, PODEMOS VENCER ESTA CRISE.

E o meio é muito simples. Trata-se apenas de comerciar com todos os países do mundo, de trocar esses enormes estoques, que estão se estragando, por máquinas e outras mercadorias necessárias ao nosso progresso e ao bem-estar do povo.

Na CONFERÊNCIA ECONÔMICA INTERNACIONAL, realizada em abril de 1952 na cidade de Moscou, uma delegação de industriais, homens de negócio e economistas brasileiros, sob a presidência de um observador do governo federal, o Dr. Américo Barbosa de Oliveira, recebeu propostas concretas para o estabelecimento dessas trocas dos governos da China, da U.R.S.S., da República Democrática da Alemanha, da Romênia, etc.

Esses países se propunham a comprar ALGODÃO, LÃ, COUROS, CACAU, SISAL, ÓLEOS VEGETAIS, FUMO, CAFÉ, ETC. e a nos fornecer em troca EQUIPAMENTOS PARA EXTRAÇÃO E REFINAÇÃO DE PETRÓLEO, ALTOS FORNOS, GERADORES E TURBINAS PARA USINAS DE ELETRICIDADE, TRATORES E OUTRAS MÁQUINAS AGRÍCOLAS, LOCOMOTIVAS E OUTROS MATERIAIS FERROVIÁRIOS, TRIGO, MÁQUINAS PARA A INDÚSTRIA DE PAPEL, GASOLINA E ÓLEOS MINERAIS, CARVÃO MINERAL, ETC.

**VALOR DA EXPORTAÇÃO DE CACAU EM AMÊNDOAS**



1 SACA = 500.000,00 (Cr \$)  
(valor exportado)

1951: 1.200.000.000,00 1952: 650.000.000,00

A China manifestou-se interessada na aquisição de grandes quantidades de TECIDOS DE ALGODÃO e o representante da República Democrática da Alemanha comprometeu-se desde logo a pagar pelo café brasileiro preços superiores aos vigentes em Nova York. O representante da Polônia ofereceu gratuitamente 50 mil toneladas de carvão mineral para experiências na Central do Brasil, no Lóide Brasileiro e em Volta Redonda, bem como a fornecer assistência técnica adequada para sua utilização. A troca de produtos seria controlada por uma conta especial em cruzeiros, a ser aberta no Banco do Brasil.

**Não é justo que troquemos nossos estoques de algodão por aviões a jato. Isso é política de guerra.**

**O que é justo, o que interessa ao povo, é que troquemos esses estoques por trigo, instalações industriais, por máquinas agrícolas. Isso é política de paz.**

**POR QUE, APESAR DISSO CONTINUAMOS COM ESSAS MONTANHAS DE MERCADORIAS INVENDÁVEIS?**

Esta questão não interessa apenas ao governo. Interessa a todos, desde fazendeiros, industriais e comerciantes até os operários. A crise comercial já está nos prejudicando muito e uma crise econômica geral significaria, em primeiro lugar, mais miséria, mais desemprego, mais fome para os trabalhadores.

Se o governo brasileiro se submete a essas imposições americanas é porque trai os interesses de nossa pátria e do nosso povo, é porque se coloca ao lado dos que nos exploram e querem mergulhar o mundo todo em uma guerra criminosa.

**MAS NÃO É O CAMINHO DA GUERRA QUE INTERESSA AOS POVOS, O CAMINHO QUE INTERESSA AOS POVOS É O DA PAZ. É O CAMINHO DA PAZ E O CAMINHO DO ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS E CULTURAIS ENTRE TODOS OS PAÍSES DO MUNDO.**

E' por isso que o recente CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ proclamou:

**«O REINÍCIO DO INTERCÂMBIO ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE SERIA UMA PRIMEIRA E FELIZ CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTABELECIMENTO E DESENVOLVIMENTO NORMAL DAS RELAÇÕES COMERCIAIS E ECONÔMICAS ENTRE OS DIVERSOS PAÍSES. ISSO CONTRIBUÍRIA DE MANEIRA EFICAZ PARA A MELHORIA DO NÍVEL DE VIDA E DO PODER AQUISITIVO DOS POVOS, O QUE ATENUARIA O DESEMPREGO NOS PAÍSES JÁ ATINGIDOS OU AMEAÇADOS POR ELE.»**

Difundir as resoluções do Congresso dos Povos pela Paz e explicar seu significado ao povo é dever de todos os partidários da paz, de todos quantos lutam pelo bem e pelo progresso do Brasil.

**Os povos desejam uma economia de paz baseada na coexistência pacífica dos diferentes regimes**

# APRESSAM O ACÔRDO PARA ENVIAR TROPAS:

1 — A mentira tem pernas curtas. O govêrno procura enganar o povo. Mas o acôrdo diz claramente que é para "proporcionar fôrças armadas às Nações Unidas". (do preambulo do acôrdo).

2 — No momento em que Eisenhower tenta estender a guerra e atacar a China, êles apressam o acôrdo na Camara. Assim querem satisfazer a fome de carne de canhão dos gangsters de Washington.

3 — Ao mesmo tempo os repugnantes traidores do Brasil, Lacerda e Chatô, lançam a farsa imunda do "voluntariado para a Coréia". Com isso querem abrir caminho para o acôrdo, isto é, para o envio de tropas.

"VOLUNTARIADO": CAMPANHA AMERICANA

ISTO PODE ACONTECER COM VOCE:

ÉIS e que diz um dos mentores da «campanha» em S. Paulo, o «herói de mentira» Frederico Joel Junguera: «Em tal momento da história do mundo, nós no Brasil e nos demais países, nós que nos sentimos livres, devemos proclamar a nossa fé e os nossos princípios. Confiamos nos nossos chefes, nas nossas autoridades e, PRINCIPALMENTE, NO NOSSO MAIOR COMANDANTE, QUE É HOJE O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, GENERAL EISENHOWER.» (Declaração do «Diário de São Paulo»).

Assim são recrutados:

"VOLUNTÁRIOS" A PAU E CORDA

Denúncia do jornal mexicano «Excelsior»: «Milhares de trabalhadores agrícolas mexicanos foram sequestrados pelo govêrno dos Estados Unidos e enviados à frente coreana em lugar de serem devolvidos ao México, foi o que chegou ao conhecimento de vários cônsules que comunicaram o caso ao Ministério de Relações Exteriores».

Informa do México a «Agência Latina»: «O trabalhador Pablo Mendez de Aptzingan foi trabalhar nos Estados Unidos. Ao atravessar a fronteira foi aprisionado pelos agentes de imigração. Ficou detido 31 dias na prisão de Laredo. Depois de brutalmente espancado quiseram obrigá-lo a assinar seu alistamento no exêrcito de voluntários que vão para a Coréia. Ameaçado de morte, Mendez teve que assinar. Mais tarde Mendez conseguiu fugir».

DEPORTAMENTO DE UM SOLDADO

São Paulo, 27 de Maio de 1953 (U.P.) — Os soldados portorriquenhos que foram julgados por uma corte marcial por se

recusarem a combater na Coréia estavam privados de alimentos, munição e extenuados — acusou um de seus companheiros, em carta dirigida à sua família.

O soldado, que não figura entre os julgados, escreveu que durante a batalha do monte "Kelly" um total de 300 sul-coreanos depuseram suas armas, acrescentando que somente três homens da companhia "B", formada por portorriquenhos, havia sobrevivido ao assalto e que apenas 12 homens da companhia "K", também portorriqueña, escapara ao fogo dos comunistas. Adiante, diz o missivista que, a despeito das severas perdas, o regimento foi de novo mandado para a frente três semanas depois, destacado desta vez para o "Vale da Morte" como o "Vale da Morte" chamam aqui.

O soldado relatou ainda que durante um combate ininterrupto de sete dias, os portorriquenhos passaram cinco dias sem praticamente nada para

comer. «Comíamos quando os sul-coreanos conseguiam trazer alguma ração», disse ele. «Quase não recebíamos munição. Não havia gasolina para vários dos nossos veículos. E quase todos os veículos que tínhamos em serviço chegaram com o Regimento em 1950. Falta-nos muita coisa.»

Segundo o missivista, o tenente Guzmán, o único oficial julgado, «era adorado pela tropa».

Em outro trecho, o soldado diz que para os portorriquenhos «não há rodízio. Aqui há homens com onze ou doze meses de serviço, que continuam combatendo.»

Publicado no "Correio da Manhã" de

30-1-53

SE O ACÔRDO MILITAR NÃO FOR DERROTADO!  
SE O "VOLUNTARIADO" NÃO FOR IMPEDIDO!

NOSSA PÁTRIA, NOSSAS VIDAS CORREM PERIGO!

Protestemos AGORA:

- ★ NESTE MOMENTO O ACÔRDO ESTÁ NA ORDEM DO DIA DA CÂMARA. O GOVÊRNO DE GETÚLIO SE ESFORÇA POR APROVÁ-LO DE QUALQUER MANEIRA.
- ★ O GOVÊRNO IANQUE SUSPENDEU AS NEGOCIAÇÕES DE ARMISTÍCIO E QUER ESTENDER A GUERRA À CHINA.

Os "Super-Homens" Estão Apanhando...

PERDAS EM MORTOS E FERIDOS DAS «FÔRÇAS DAS NAÇÕES UNIDAS»:

736.000 — TANTO QUANTO AS POPULAÇÕES DE PORTO ALEGRE E BELO HORIZONTE SOMADAS.

NESSE TOTAL, AS BAIXAS AMERICANAS FORAM:

MORTOS E FERIDOS 322.000

AVIÕES DERRUBADOS OU AVARIADOS 7.800

POR ISSO QUEREM O SANGUE DE NOSSOS JOVENS

Exijamos a Cessação do Fogo na Coréia!  
Avante! Derrotemos o Acôrdo Infame!